

Antologia de Poesia Moderna

Introdução aos Estudos Literários I
Prof. Edu Teruki Otsuka

Sumário

| | |
|-----------------------------|----|
| Nota prévia | 3 |
| William Blake | 4 |
| Walt Whitman | 8 |
| Charles Baudelaire | 11 |
| Stéphane Mallarmé | 15 |
| Arthur Rimbaud | 16 |
| Lautréamont | 19 |
| Tristan Corbière | 20 |
| Jules Laforgue | 22 |
| Guillaume Apollinaire | 24 |
| Rainer Maria Rilke | 27 |
| Georg Trakl | 28 |
| Vielimir Khlébnikov | 29 |
| Marina Tzvietáieva | 29 |
| Vladímir Maiakóvski | 30 |
| Konstantinos Kavafis | 32 |
| W. B. Yeats | 33 |
| Ezra Pound | 35 |
| T. S. Eliot | 37 |
| Wallace Stevens | 42 |
| César Vallejo | 44 |
| Federico García Lorca | 45 |
| Bertolt Brecht | 48 |
| Giuseppe Ungaretti | 52 |
| W. H. Auden | 53 |
| Paul Celan | 55 |
| Dylan Thomas | 56 |
| Sylvia Plath | 59 |
| Apêndice | 63 |

Nota prévia

Poesia

Eu também não gosto.

Lendo-a, no entanto, com desprezo completo, descobrimos nela, afinal, um lugar para o genuíno.

(Marianne Moore)

Esta breve antologia pretende oferecer ao aluno um contato inicial com algumas vertentes da poesia moderna. O intuito é fornecer uma pequena amostra para que, depois, o leitor interessado busque, por conta própria, outras obras ou mesmo outros poetas. O núcleo que organiza o conjunto é a produção poética ocidental desde a segunda metade do século XIX (sobretudo a partir de Baudelaire), até as décadas iniciais do século XX.

Como é inevitável, esta seleção de poemas tem muito de pessoal, mas procurei fazer as escolhas dentro de um quadro “canônico”, tentando apresentar um panorama representativo. Assim, a seleção dos poetas e dos poemas foi feita, quase sempre, na tensão entre minha experiência afetiva com os textos, que se liga ao gosto pessoal, e os padrões críticos correntes, que definem valores e significância histórica das obras. (O que equivale a dizer que nem todos os poemas de minha predileção, entre os que caberiam no escopo considerado, entraram na antologia, assim como nem todos os que entraram, por sua reconhecida notoriedade, são aqueles de que mais gosto.)

Além disso, como era preciso definir um limite de espaço, é claro que muita coisa significativa acabou ficando de fora. Por exemplo, não foram incluídos alguns importantes poemas longos (ou ciclos de poemas), como “Le bateau ivre” (1871), de Rimbaud; “Os Doze” (1918), de Aleksandr Blok; “O cemitério marinho” (1920), de Paul Valéry; *Elegias de Duíno* (1922), de Rilke; *The Waste Land* (1922), de T. S. Eliot; *Os Cantos*, de Pound; *Mensagem* (1934), de Fernando Pessoa; “Pranto por Ignacio Sánchez Mejías” (1935), de García Lorca; *Requiem* (1935-1940), de Anna Akhmátova, para não mencionar obras posteriores, como *O Naufrágio do Titanic* (1978), de Hans Magnus Enzensberger.

A maior parte das traduções é acompanhada da versão original, com exceção de alguns poemas mais extensos e de obras cuja língua original é menos acessível. Em muitos casos, existem outras traduções dos mesmos poemas para o português, diferentes das apresentadas aqui.

Por fim, aproveitei para transcrever trechos da crítica, que fui colhendo um pouco ao acaso nos livros que ia folheando. Não houve intenção de ser exaustivo na seleção dos comentários, nem de sugerir linhas de continuidade rigorosa entre os poetas (ainda que algumas articulações sejam mencionadas), e muito menos de esboçar uma história abrangente da poesia moderna ocidental.

abril de 2012
Edu T. Otsuka

William Blake

(Inglaterra, 1757-1828)

The Tyger

Tyger! Tyger! burning bright
In the forests of the night,
What immortal hand or eye,
Could frame thy fearful symmetry?

In what distant deeps or skies,
Burnt the fire of thine eyes?
On what wings dare he aspire?
What the hand, dare seize the fire?

And what shoulder, & what art,
Could twist the sinews of thy heart?
And when thy heart began to beat,
What dread hand? & what dread feet?

What the hammer? what the chain?
In what furnace was thy brain?
What the anvil? what dread grasp
Dare its deadly terrors clasp?

When the stars threw down their spears
And water'd heaven with their tears,
Did he smile his work to see?
Did he who made the Lamb make thee?

Tyger Tyger burning bright,
In the forests of the night,
What immortal hand or eye,
Dare frame thy fearful symmetry?

(*Songs of Experience*, 1794)

O Tigre

Tigre, tigre, flamante fulgor
Nas florestas de denso negror,
Que olho imortal, que mão poderia
Te moldar a feroz simetria?

Em que altura ou abismo sem par
Ardeu o fogo de teu olhar?
Com quais asas sobe ele ao que clama?
Quais as mãos que seguram a chama?

Qual ombro poderia, ou qual arte,
Essas fibras do peito forjar-te?
E, ao pulsar desse teu coração,
Que pés horrendos, que horrenda mão?

Qual o martelo? Qual a corrente?
Que fornalha fundiu tua mente?
Qual a bigorna? Os punhos são quais,
Que atezam terrores mortais?

Quando os astros, inermes de espanto,
Salpicaram os céus com seu pranto,
Por acaso sorriu teu obreiro?
Quem te fez, fez também o Cordeiro?

Tigre, tigre, flamante fulgor
Nas florestas de denso negror,
Que olho imortal, que mão ousaria
Te moldar a feroz simetria?

(W. Blake. *Poesia e Prosa Selecionadas*. Trad. e pref. Paulo Vizioli. São Paulo: Nova Alexandria, 1993, pp. 54-55.)

London

I wander thro' each charter'd street,
Near where the charter'd Thames does flow,
And mark in every face I meet
Marks of weakness, marks of woe.

In every cry of every Man,
In every Infants cry of fear,
In every voice, in every ban,
The mind-forg'd manacles I hear.

How the Chimney-sweeper's cry
Every black'ning Church appalls;
And the hapless Soldier's sigh
Runs in blood down Palace walls.

But most thro' midnight streets I hear
How the youthful Harlot's curse
Blasts the new-born Infants' tear,
And blights with plagues the Marriage hearse.

(*Songs of Experience*, 1794)

The Chimney Sweeper

A little black thing among the snow
Crying "weep, weep," in notes of woe!
"Where are thy father & mother? say?"
"They are both gone up to the church to pray.

"Because I was happy upon the heath,
And smil'd among the winter's snow:
They clothed me in the clothes of death,
And taught me to sing the notes of woe.

"And because I am happy, & dance & sing,
They think they have done me no injury,
And are gone to praise God & His Priest & King,
Who make up a heaven of our misery."

(*Songs of Experience*, 1794)

Londres

Em cada rua escriturada em que ando,
Onde o Tâmisia escriturado passa,
Eu nos rostos que encontro vou notando
Os sinais da doença e da desgraça.

Ouço nos gritos que os adultos dão,
E nos gritos de medo do inocente,
Em cada voz, em cada interdição,
As algemas forjadas pela mente.

Se o Limpa-Chaminés acaso grita,
Assusta a Igreja escura pelos anos;
Se o Soldado suspira de desdita,
O sangue mancha os muros palacianos.

Mas o que mais à meia-noite é ouvido
É a rameira a lançar praga fatal,
Que estanca o pranto do recém-nascido
E empesteia a mortalha conjugal.

(W. Blake. *Poesia e Prosa Seleccionadas*. Trad. e pref. Paulo Vizioli. São Paulo: Nova Alexandria, 1993, pp. 62-63.)

O Limpa-Chaminés

Na neve há um pontinho bem negro que vai
E diz "varre-dor!" com os tons do pesar!
"Responde: onde estão tua mãe e teu pai?"
"Os dois foram juntos à Igreja rezar.

"Como entre os espinhos mostrei que era forte,
E ria no inverno, entre a neve a tombar,
Vestiram a mim com as vestes da morte,
E a mim ensinaram os tons do pesar.

"E, como feliz eu cantei e dancei,
Acharam que tudo comigo é pilhéria;
E louvam a Deus e Seu Padre e Seu Rei,
Que formam um Céu com a nossa miséria."

(W. Blake. *Poesia e Prosa Seleccionadas*. Trad. e pref. Paulo Vizioli. São Paulo: Nova Alexandria, 1993, pp. 50-51.)

No tempo da sementeira, aprende; na colheita, ensina; no inverno, desfruta.
Conduz teu carro e teu arado por sobre os ossos dos mortos.

A estrada do excesso leva ao palácio da sabedoria.
A Prudência é uma solteirona rica e feia, cortejada pela Impotência.
Quem deseja, mas não age, gera a pestilência.
O verme partido perdoa ao arado.

Mergulha no rio quem gosta de água.
O tolo não vê a mesma árvore que o sábio.

Aquele, cujo rosto não se ilumina, jamais há de ser uma estrela.
A Eternidade anda apaixonada pelas produções do tempo.

A abelha atarefada não tem tempo para tristezas.
As horas de loucura são medidas pelo relógio; mas nenhum relógio mede as de sabedoria.

Os alimentos sadios não são apanhados com armadilhas ou redes.
Torna do número, do peso e da medida em ano de escassez.

Nenhum pássaro se eleva muito, se se eleva com as próprias asas.
Um cadáver não vingará as injúrias.

O ato mais sublime é colocar outro diante de ti.

Se o louco persistisse em sua loucura, acabaria se tornando sábio.

A loucura é o manto da velhacaria.

O manto do orgulho é a vergonha.

As Prisões se constroem com as pedras da Lei; os Bordéis, com os tijolos da Religião.

O orgulho do pavão é a glória de Deus.

A luxúria do bode é a glória de Deus.

A fúria do leão é a sabedoria de Deus.

A nudez da mulher é a obra de Deus.

O excesso de tristeza ri; o excesso de alegria chora.

O rugir de leões, o uivar dos lobos, o furor do mar tempestuoso e da espada destruidora são fragmentos de eternidade grandes demais para os olhos humanos.

A raposa condena a armadilha, não a si própria.

Os júbilos fecundam. As tristezas geram.

Que o homem use a pele do leão; a mulher a lã da ovelha.

O pássaro, um ninho; a aranha, uma teia; o homem, a amizade.

O sorridente tolo egoísta e o melancólico tolo carrancudo serão ambos julgados sábios para que sejam flagelos.

O que hoje se prova, outrora era apenas imaginado.

A ratazana, o camundongo, a raposa, o coelho olham as raízes; o leão, o tigre, o cavalo, o elefante olham os frutos.

A cisterna contém; a fonte derrama.

Um só pensamento preenche a imensidão.

Dizei sempre o que pensas, e o homem torpe te evitará.

Tudo o que se pode acreditar já é uma imagem da verdade.

A águia nunca perdeu tanto o seu tempo como quando resolveu aprender com a gralha.

A raposa provê para si, mas Deus provê para o leão.

De manhã, pensa; ao meio-dia, age; no entardecer, come; de noite, dorme.

Quem permitiu que dele te aproveitasses, esse te conhece.

Assim como o arado vai atrás de palavras, assim Deus recompensa orações.

Os tigres da ira são mais sábios que os cavalos da instrução.

Da água estagnada espera veneno.

Nunca se sabe o que é suficiente até que se saiba o que é mais que suficiente.

Ouve a reprovação do tolo! É um elogio soberano!

Os olhos, de fogo; as narinas, de ar; a boca, de água; a barba, de terra.

O fraco na coragem é forte na esperteza.

A macieira jamais pergunta à faia como crescer; nem o leão, ao cavalo, como apanhar sua presa.

Ao receber, o solo grato produz abundante colheita.

Se os outros não fossem tolos, nós teríamos que ser.

A essência do doce prazer jamais pode ser maculada.

Ao veres uma Águia, vê uma parcela da Genialidade. Levanta a cabeça!

Assim como a lagarta escolhe as mais belas folhas para deitar os seus ovos, assim o sacerdote lança sua maldição sobre as alegrias mais belas.

Criar uma florzinha é o labor de séculos.

A maldição aperta. A benção afrouxa.

O melhor vinho é o mais velho; a melhor água, a mais nova.

Orações não aram! Louvores não colhem!

Júbilos não riem! Tristezas não choram!

A cabeça, o Sublime; o coração, o Sentimento; os genitais, a Beleza; as mãos e os pés, a Proporção.

Como o ar para o pássaro ou o mar para o peixe, assim é o desprezo para o desprezível.

A gralha gostaria que tudo fosse preto; a coruja, que tudo fosse branco.

A Exuberância é a Beleza.

Se o leão fosse aconselhado pela raposa, seria ardiloso.

O Progresso constrói estradas retas; mas as estradas tortuosas, sem o Progresso, são estradas da Genialidade.

Melhor matar uma criança no berço do que acalantar desejos insatisfeitos.

Onde o homem não está a natureza é estéril.

A verdade nunca pode ser dita de modo a ser compreendida sem ser acreditada.

É suficiente! ou Basta.

(*The Marriage of Heaven and Hell / O Casamento do Céu e do Inferno*, 1790-93)

(W. Blake. *Poesia e Prosa Seleccionadas*. Trad. e pref. Paulo Vizioli. São Paulo: Nova Alexandria, 1993, pp. 90-95.)

“Blake não só denuncia a superstição da filosofia e a idolatria da razão, como também, no século da primeira revolução industrial e no país que foi o berço dessa revolução, profetiza os perigos do culto à religião do progresso. Nesses anos a paisagem pastoral da Inglaterra começa a mudar, e vales e colinas se cobrem com a vegetação de ferro, carvão, pó e detritos da indústria. Blake denomina os teares, as minas, forjas e ferrarias de ‘fábricas satânicas’, e de ‘morte eterna’ o trabalho dos operários. Blake – nosso contemporâneo.”

(Octavio Paz. *Os Filhos do Barro*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 78.)

Walt Whitman

(EUA, 1819-1992)

Canção de mim mesmo [Song of myself]

[trechos]

1

Eu celebro a mim mesmo, e canto a mim mesmo,
E tudo que assumo você deve assumir,
Pois cada átomo pertence a mim tanto quanto pertence a você.

Vadio pela vida e convido minha alma,
Fico deitado vadiando sem preocupação, observando uma espora da grama do verão.

Minha língua, cada átomo do meu corpo, feito deste solo, deste ar,
Nascido aqui de pais nascidos aqui de pais que também nasceram aqui, como seus pais,
Agora com trinta e sete anos, em perfeita saúde, começo,
Esperando não parar até morrer.

Escolas e crenças em suspensão,
Aposentadas por um tempo, suficientes de si, mas nunca esquecidas,
Recolho em mim o bem e o mal, permito que se fale em qualquer situação,
Natureza sem entaves com energia original.

5

Acredito em você, minha alma, o outro que sou não deve se rebaixar diante de você, nem você deve se rebaixar
diante dele.
Vem vadiar comigo na grama, afrouxa o nó da garganta,
Não quero rimas nem música ou palavras, nem costume ou lição, nem mesmo o melhor,
Apenas a calma, o sussurro de sua voz aveludada.

Penso em como nos deitamos em junho, em uma manhã translúcida de verão;
Você forçou sua cabeça sobre meus quadris e virou-se gentilmente para mim,
E abriu a camisa no meu peito e enfiou sua língua em meu coração aberto e nu,
E tocou meu corpo até sentir minha barba e tocou meu corpo até cingir meu pé.

Rapidamente surgiu e se estendeu ao meu redor a paz e o prazer e o conhecimento que perpassa todo o
palavrório da terra,
E eu sei que a mão de Deus é minha mão mais velha,
E eu sei que o espírito de Deus é meu espírito mais velho,
E que todos os homens que nasceram são também meus irmãos, e as mulheres minhas irmãs e amantes,
E que uma quilha da criação é o amor,
E que ilimitadas são as folhas que caem ou secam nos campos,
E as formigas marrons nos buracinhos por debaixo delas,
E as crostas de limo na cerca apodrecida e as pedras empilhadas e as flores silvestres, o musgo e a espinheira.

52

O gavião pintado mergulha sobre mim e me acusa, ele reclama da minha tagarelice e da minha preguiça.

Sou também nem um pouco domável, sou também intraduzível,
É meu berro cheio de fúria o que lanço pelos telhados do mundo.
A última nuvem do dia me espera,
Ela projeta minha figura à frente das demais e tão verdadeira quanto qualquer coisa nos descampados
sombrios,
Ela me impele ao vapor e à escuridão.

Parto como o ar, balanço meus cachos brancos de encontro ao sol fugitivo,
Derramo minha carne em redemoinhos e a deixo flutuar em recortes rendados.

Me entrego ao monturo para crescer da grama que amo,
Se você quiser me ver de novo, procure debaixo de suas botas.

Você dificilmente saberá quem sou ou o que signífico,
Mas mesmo assim vou levar a você boa saúde,
E filtrar e engrossar o seu sangue.

Não conseguindo me pegar de primeira, mantenha a calma,
Não me encontrando, procure mais à frente,
Estarei parado em algum lugar, esperando você.

(Walt Whitman. *Folhas de Relva*. Trad. Bruno Gambarotto. São Paulo: Hedra, 2011, pp. 45, 47-48, 89-90.)

Uma mulher me espera [A woman waits for me]

Uma mulher me espera, ela contém todas as coisas, nada lhe falta,
Embora tudo lhe faltasse se o sexo ou a seiva do homem certo lhe faltassem.

O sexo tem todas as coisas, corpos, almas,
Os significados, as provas, purezas, delicadezas, resultados, avisos,
Canções, ordens, saúde, orgulho, o mistério maternal, o leite seminal,
Todas as esperanças, benefícios e dádivas, todas as paixões e amores e maravilhas, os prazeres da terra,
Todos os governos, juízes, deuses, as pessoas que fossem seguidas no mundo,
O sexo tem todas essas coisas como partes de si, como justificativas de si.

Sem vergonha alguma, o homem que amo sabe e declara as delícias de seu sexo,
Sem vergonha alguma, a mulher que amo sabe e declara as suas.

Agora me afastarei das mulheres impassíveis,
E ficarei com ela que me espera e com aquelas mulheres que têm o sangue quente e me bastam,
Vejo que elas me entendem e não me darão as costas,
Vejo que são merecedoras de mim, que serei o marido robusto dessas mulheres.

Elas não têm um grão a menos do que eu,
E têm o rosto curtido do sol que brilha e dos ventos que sopram,
Sua carne guarda a maciez e a força divina dos tempos passados,
Sabem nadar, remar, lutar, atirar, correr, bater, recuar, resistir, defender-se,
Em seus domínios são definitivas, são calmas, claras, donas de si.
Trago vocês para perto de mim, mulheres,
Não posso deixar vocês, quero-lhes fazer o bem,
Existo para vocês e vocês para mim, não para o nosso proveito, mas para o proveito dos demais,
Abrigados em vocês dormem os bardos e os heróis excelentes,
Eles não acordarão ao toque de um homem que não seja eu.

Este sou eu ó mulheres, eu que traço meu caminho,
Sou amargo, ríspido, grande, intransigente e amo vocês,
Não machuco mais do que o necessário,
Derramo a matéria que inicia os filhos e as filhas adequados a estes Estados, as toco com meu rude músculo
premente,
Apoio-me com força, não escuto súplicas,
Não ouso me retrair sem que antes tenha depositado em vocês o que esteve acumulado em mim por tanto
tempo.

Em vocês deságuam os rios contritos de mim mesmo,
Em vocês envolvo os mil anos do porvir,
Em vocês enxerto as mudas do que mais amo em mim e na América,
Das gotas que destilo em vocês crescerão fortes e atléticas garotas, novos artistas, músicos e cantores,
As crianças que semeio sobre vocês virão por sua vez a semear crianças,
Exigirei por meu amor homens e mulheres perfeitos,
Esperarei que se interpenetrem com outros, da mesma forma que nos interpenetramos, vocês e eu,
Contarei com os frutos de suas chuvas torrenciais como conto com os frutos que são advento de minhas chuvas
torrenciais,
Procurarei pelas colheitas do amor que desde o nascimento, a vida, a morte, a imortalidade, planto agora tão
amorosamente.

(Walt Whitman. *Folhas de Relva*. Trad. Bruno Gambarotto. São Paulo: Hedra, 2011, pp. 99-100.)

Até mais! [So long] [fragmento]

[...]
Camarada, isto não é um livro,
Quem toca este livro toca um homem,
(É noite? Nós estamos aqui sozinhos?)
Sou eu que você segura e que segura você,
Salto das páginas em seus braços – a morte me move.

Ó como seus dedos me fazem relaxar,
Seu hálito cai ao meu redor como orvalho, seu pulso nina os tímpanos de meus ouvidos,
Sinto-me imerso dos pés à cabeça,
É delicioso, me basta.

Basta Ó feito preparado e secreto,
Basta Ó presente fluido – basta Ó passado resumido.

Querido amigo, quem quer que seja, você vai pegar este beijo,
Dou-lhe especialmente a você, não me esqueça,
Sinto-me como alguém que cumpriu seu trabalho diário e se retira por um tempo,
Recebo agora de minhas muitas traduções, de meus avatares ascendendo, enquanto outros sem dúvida me
aguardam,
Uma esfera desconhecida mais real do que sonhei, mais direta, lança raios de despertar sobre mim, *Até mais!*
Lembre-se de minhas palavras, voltarei,
Amo você, parto dos materiais,
Como alguém desencarnado, triunfante, morto.

(Walt Whitman. *Folhas de Relva*. Trad. Bruno Gambarotto. São Paulo: Hedra, 2011, p. 394.)

“[...] o vigoroso assíndeto de Whitman [...] aproxima violentamente umas às outras as coisas mais díspares, o mais exótico e o mais familiar, o gigantesco e o minúsculo, a natureza e os produtos da civilização humana, como uma criança que estivesse folheando o catálogo de uma grande loja.*”

* “Não há anacronismo em referir as enumerações de Whitman – o ‘poeta de catálogo’ (*Katalogdichter*), segundo a expressão de Eulenberg – às grandes lojas de artigos variados. Por volta de 1855, ou seja, na data de publicação de *Leaves of Grass*, é quando começa o enorme desenvolvimento destes *bazares* ocidentais, as *department stores*, produzido pela acumulação de riqueza e pela extensão do comércio e dos meios de transporte.”

(Leo Spitzer. “La enumeración caótica en la poesía moderna”. In: *Lingüística e Historia Literaria*. Madrid: Gredos, 1968, p. 258.)

Charles Baudelaire

(França, 1821-1867)

Au Lecteur

La sottise, l'erreur, le péché, la lésine,
Occupent nos esprits et travaillent nos corps,
Et nous alimentons nos aimables remords,
Comme les mendiants nourrissent leur vermine.

Nos péchés sont têtus, nos repentirs sont lâches;
Nous nous faisons payer grasement nos aveux,
Et nous rentrons gaiement dans le chemin bourbeux,
Croyant par de vils pleurs laver toutes nos taches.

Sur l'oreiller du mal c'est Satan Trismégiste
Qui berce longuement notre esprit enchanté,
Et le riche métal de notre volonté
Est tout vaporisé par ce savant chimiste.

C'est le Diable qui tient les fils qui nous remuent!
Aux objets répugnants nous trouvons des appas;
Chaque jour vers l'Enfer nous descendons d'un pas,
Sans horreur, à travers des ténèbres qui puent.

Ainsi qu'un débauché pauvre qui baise et mange
Le sein martyrisé d'une antique catin,
Nous volons au passage un plaisir clandestin
Que nous pressons bien fort comme une vieille orange.

Serré, fourmillant, comme un million d'helminthes,
Dans nos cerveaux ribote un peuple de Démons,
Et, quand nous respirons, la Mort dans nos poumons
Descend, fleuve invisible, avec de sourdes plaintes.

Si le viol, le poison, le poignard, l'incendie,
N'ont pas encor brodé de leurs plaisants dessins
Le canevas banal de nos piteux destins,
C'est que notre âme, hélas! n'est pas assez hardie.

Mais parmi les chacals, les panthères, les lices,
Les singes, les scorpions, les vautours, les serpents,
Les monstres glapissants, hurlants, grognants, rampants,
Dans la ménagerie infâme de nos vices,

Il en est un plus laid, plus méchant, plus immonde!
Quoiqu'il ne pousse ni grands gestes ni grands cris,
Il ferait volontiers de la terre un débris
Et dans un bâillement avalerait le monde;

C'est l'Ennui! — L'oeil chargé d'un pleur involontaire,
Il rêve d'échafauds en fumant son houka.
Tu le connais, lecteur, ce monstre délicat,
— Hypocrite lecteur, — mon semblable, — mon frère!

(*Les Fleurs du mal / As Flores do Mal*, 1857)

Ao Leitor

A tolice, o pecado, o logro, a mesquinhez
Habitam nosso corpo e o espírito viciam,
E adoráveis remorsos sempre nos saciam,
Como o mendigo exhibe a sua sordidez.

Fiéis ao pecado, a contrição nos amordaça;
Impomos alto preço à infâmia confessada,
E alegres retornamos à lodosa estrada,
Na ilusão de que o pranto as nódoas nos desfaça.

Na almofada do mal é Satã Trismegisto
Quem docemente nosso espírito consola,
E o metal puro da vontade estão se evola
Por obra deste sábio que age sem ser visto.

É o diabo que nos move e até nos manuseia!
Em tudo que repugna, uma joia encontramos;
Dia após dia, para o Inferno caminhamos,
Sem medo algum, dentro da treva que nauseia.

Assim como um voraz devasso beija e suga
O seio murcho que lhe oferta uma vadia,
Furtamos ao acaso uma carícia esguia
Para espreme-la qual laranja que se enrugia.

Espesso, a fervilhar, qual um milhão de helmintos,
Em nosso crânio um povo de demônios cresce,
E, ao respirarmos, aos pulmões a morte desce,
Rio invisível, com lamentos indistintos.

Se o veneno, a paixão, o estupro, a punhalada
Não bordaram ainda com desenhos finos
A trama vã de nossos míseros destinos,
É que nossa alma arriscou pouco ou quase nada.

Em meio às hienas, às serpentes, aos chacais,
Aos símios, escorpiões, abutres e panteras,
Aos monstros ululantes e às viscosas feras,
No lodaçal de nossos vícios imortais,

Um há mais feio, mais iníquo, mais imundo!
Sem grandes gestos ou sequer lançar um grito,
Da Terra, por prazer, faria um só detrito
E num bocejo imenso engoliria o mundo;

É o Tédio! — O olhar esquivo à mínima emoção,
Com patíbulos sonha, ao cachimbo agarrado.
Tu o conheces, leitor, ao monstro delicado
— Hipócrita leitor, meu igual, meu irmão.

(Charles Baudelaire. *As Flores do Mal*. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, pp. 98-101.)

L'Albatros

Souvent, pour s'amuser, les hommes d'équipage
Prennent des albatros, vastes oiseaux des mers,
Qui suivent, indolents compagnons de voyage,
Le navire glissant sur les gouffres amers.

A peine les ont-ils déposés sur les planches,
Que ces rois de l'azur, maladroits et honteux,
Laissent piteusement leurs grandes ailes blanches
Comme des avirons traîner à côté d'eux.

Ce voyageur ailé, comme il est gauche et veule!
Lui, naguère si beau, qu'il est comique et laid!
L'un agace son bec avec un brûle-gueule,
L'autre mime, en boitant, l'infirme qui volait!

Le Poète est semblable au prince des nuées
Qui hante la tempête et se rit de l'archer;
Exilé sur le sol au milieu des huées,
Ses ailes de géant l'empêchent de marcher.

(*Les Fleurs du mal / As Flores do Mal*, 1857/1861)

O Albatroz

Às vezes, por prazer, os homens da equipagem
Pegam um albatroz, imensa ave dos mares,
Que acompanha, indolente parceiro de viagem,
O navio a singrar por glaucos patamares.

Tão logo o estendem sobre as tábuas do convés,
O monarca do azul, canhestro e envergonhado,
Deixa pender, qual par de remos junto aos pés,
As asas em que fulge um branco imaculado.

Antes tão belo, como é feio na desgraça
Esse viajante agora flácido e acanhado!
Um, com o cachimbo, lhe enche o bico de fumaça,
Outro, a coxear, imita o enfermo outrora alado!

O Poeta se compara ao príncipe da altura
Que enfrenta os vendavais e ri da seta no ar;
Exilado no chão, em meio à turba obscura,
As asas de gigante impedem-no de andar.

(Charles Baudelaire. *As Flores do Mal*. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, pp. 110-111.)

“As fontes das quais se alimenta o comportamento heroico de Baudelaire irrompem dos mais profundos fundamentos da ordem social incipiente em meados do século. Não compreendem senão as experiências que instruíram Baudelaire sobre as mudanças radicais da produção artística. Essas mudanças consistiam em que, na obra de arte, a forma da mercadoria e, no público, a forma da massa, se manifestavam de um modo imediato e veemente como nunca. Essas mudanças, mais tarde, a par de outras mudanças no domínio da arte, levaram, sobretudo, à decadência da poesia lírica. Que Baudelaire tenha respondido a essas mudanças com um livro de poesias confere a *As Flores do Mal* uma assinatura única. Esse é, ao mesmo tempo, o exemplo mais extraordinário de comportamento heroico a se encontrar em sua existência.”

(Walter Benjamin, “Parque Central”. In: *Charles Baudelaire, um Lírico no Auge do Capitalismo*. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 168.)

Le Soleil

Le long du vieux faubourg, où pendent aux masures
Les persiennes, abri des secrètes luxures,
Quand le soleil cruel frappe à traits redoublés
Sur la ville et les champs, sur les toits et les blés,
Je vais m'exercer seul à ma fantasque escrime,
Flairant dans tous les coins les hasards de la rime,
Trébuchant sur les mots comme sur les pavés
Heurtant parfois des vers depuis longtemps rêvés.

Ce père nourricier, ennemi des chloroses,
Éveille dans les champs les vers comme les roses;
Il fait s'évaporer les soucis vers le ciel,
Et remplit les cerveaux et les ruches le miel.
C'est lui qui rajeunit les porteurs de béquilles
Et les rend gais et doux comme des jeunes filles,
Et commande aux moissons de croître et de mûrir
Dans le coeur immortel qui toujours veut fleurir!

Quand, ainsi qu'un poète, il descend dans les villes,
Il ennoblit le sort des choses les plus viles,
Et s'introduit en roi, sans bruit et sans valets,
Dans tous les hôpitaux et dans tous les palais.

(*Les Fleurs du mal / As Flores do Mal*, 1857)

À une passante

La rue assourdissante autour de moi hurlait.
Longue, mince, en grand deuil, douleur majestueuse,
Une femme passa, d'une main fastueuse
Soulevant, balançant le feston et l'ourlet;

Agile et noble, avec sa jambe de statue.
Moi, je buvais, crispé comme un extravagant,
Dans son oeil, ciel livide où germe l'ouragan,
La douceur qui fascine et le plaisir qui tue.

Un éclair... puis la nuit! — Fugitive beauté
Dont le regard m'a fait soudainement renaître,
Ne te verrai-je plus que dans l'éternité?

Ailleurs, bien loin d'ici! trop tard! jamais peut-être!
Car j'ignore où tu fuis, tu ne sais où je vais,
Ô toi que j'eusse aimée, ô toi qui le savais!

(*Les Fleurs du mal / As Flores do Mal*, 1857/1861)

O sol

Ao longo dos subúrbios, onde nos pardieiros
Persianas acobertam beijos sorrateiros,
Quando o impiedoso Sol arroja seus punhais
Sobre a cidade e o campo, os tetos e os trigais,
Exercerei a sós a minha estranha esgrima,
Buscando em cada canto os acasos da rima,
Tropeçando em palavras como nas calçadas,
Topando imagens desde há muito já sonhadas.

Este pai generoso, avesso à tez morbosa,
No campo acorda tanto o verme quanto a rosa;
Ele dissolve a inquietação no azul do céu,
E cada cérebro ou colmeia enche de mel.
É ele quem remoja os que já não se movem
E os torna doces e febris qual uma jovem,
Ordenando depois que amadureça a messe
No eterno coração que sempre refloresce!

Quando às cidades ele vai, tal como um poeta,
Eis que redime até a coisa mais abjeta,
E adentra como rei, sem bulha ou serviçais,
Quer os palácios, quer os tristes hospitais.

(Charles Baudelaire. *As Flores do Mal*. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, pp. 318-319.)

A uma passante

A rua em torno era um frenético alarido.
Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,
Uma mulher passou, com sua mão suntuosa
Erguendo e sacudindo a barra do vestido.

Pernas de estátua, era-lhe a imagem nobre e fina.
Qual bizarro basbaque, afoito eu lhe bebia
No olhar, céu lívido onde aflora a ventania,
A doçura que envolve e o prazer que assassina.

Que luz... e a noite após! – Efêmera beldade
Cujos olhos me fazem nascer outra vez,
Não mais hei de te ver senão na eternidade?

Longe daqui! tarde demais! *nunca* talvez!
Pois de ti já me fui, de mim tu já fugiste,
Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste!

(Charles Baudelaire. *As Flores do Mal*. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, pp. 344-345.)

As multidões

[Les foules]

Nem a todos é dado tomar um banho de multidão: gozar da multidão é uma arte; e só pode fazer, à custa do gênero humano, uma farta refeição de vitalidade, aquele em quem uma fada insuflou, no berço, o gosto do disfarce e da máscara, o horror ao domicílio e a paixão da viagem.

Multidão, solidão: termos iguais e conversíveis para o poeta diligente e fecundo. Quem não sabe povoar a sua solidão também não sabe estar só em meio a uma multidão atarefada.

O poeta goza do incomparável privilégio de ser, à sua vontade, ele mesmo e outrem. Como as almas errantes que procuram corpo, ele entra, quando lhe apraz, na personalidade de cada um. Para ele, e só para ele, tudo está vago; e, se alguns lugares parecem vedados ao poeta, é que a seus olhos tais lugares não valem a pena de uma visita.

O passeador solitário e pensativo encontra singular embriaguez nessa comunhão universal. Aquele que desposa facilmente a multidão conhece gozos febris, de que estarão privados para sempre o egoísta, fechado como um cofre, e o preguiçoso, encaramujado feito um molusco. Ele adota como suas todas as profissões, todas as alegrias e todas as misérias que as circunstâncias lhe deparam.

Aquilo a que os homens chamam amor é muito pequeno, muito limitado e muito frágil, comparado a essa inefável orgia, a essa sagrada prostituição da alma que se dá inteira, poesia e caridade, ao imprevisível que surge, ao desconhecido que passa.

É bom alguma vez lembrar aos felizes deste mundo, ao menos para lhes humilhar por um instante o orgulho tolo, que há felicidades superiores à deles, mais vastas e mais requintadas. Os fundadores de colônias, os pastores de povos, os padres missionários exilados no fim do mundo, conhecem, por certo, algo dessas misteriosas embriaguezes; e, no seio da vasta família que seu gênio criou, eles devem por vezes rir daqueles que lhes deploram o destino tão agitado e a vida tão casta.

(*Le Spleen de Paris / Pequenos poemas em prosa*, 1869)

(Charles Baudelaire. *Pequenos Poemas em Prosa*. Trad. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 4ª ed., revista. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 39.)

“Principalmente a partir de Baudelaire, a lírica moderna fala de reificação, de anomia, de risco de insensatez. Porém, justamente por isso, a autenticidade específica dessa lírica está em sua objetiva declaração de impotência diante da existência petrificada e lacerada. A poesia não pode recuperar esteticamente as condições da própria existência social. Não pode, com os meios de que dispõe, superar a fratura entre indivíduo e sociedade e recomeçar de novo.”

(Alfonso Berardinelli. “As muitas vozes da poesia moderna”. In: *Da Poesia à Prosa*. Org. Maria Betânia Amoroso. Trad. Marcos Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 35.) [Neste trecho, o autor parafraseia Theodor W. Adorno, “Palestra sobre lírica e sociedade”.]

“A Paris de Baudelaire, Paris e Baudelaire se tornaram os paradigmas do moderno. [...] Nessa metrópole-capital é possível estar modernamente só e ferido como nunca, possuídos por quimeras, perseguidos por pesadelos e espectros em pleno dia, nas ruas apinhadas e nas intermináveis periferias. Aqui é possível vislumbrar com clareza o inferno. [...] A metrópole moderna promete e permite tudo, de tudo: uma variedade, novidade e mistura de experiências que devem ser ilimitadas por princípio. O universal moderno não é mais fundado na unidade perceptível da natureza cósmica. É o universal das mercadorias e das trocas, da produtividade ininterrupta e da unificação dos mercados, da destruição de qualquer localismo variegado e de estrita província.”

(Alfonso Berardinelli. “Cosmopolitismo e provincianismo na poesia moderna”. In: *Da Poesia à Prosa*. Org. Maria Betânia Amoroso. Trad. Marcos Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2007, pp. 68-69.)

Stéphane Mallarmé

(França, 1842-1898)

Salut

Rien, cette écume, vierge vers
À ne désigner que la coupe;
Telle loin se noie une troupe
De sirènes mainte à l'envers.

Nous naviguons, ô mes divers
Amis, moi déjà sur la poupe
Vous l'avant fastueux qui coupe
Le flot de foudres et d'hivers;

Une ivresse belle m'engage
Sans craindre même son tangage
De porter debout ce salut

Solitude, récif, étoile
À n'importe ce qui valut
Le blanc souci de notre toile.

(1893)

Le tombeau d'Edgar Poe

Tel qu'en Lui-même enfin l'éternité le change,
Le Poète suscite avec un glaive nu
Son siècle épouvanté de n'avoir pas connu
Que la mort triomphait dans cette voix étrange !

Eux, comme un vil sursaut d'hydre oyant jadis l'ange
Donner un sens plus pur aux mots de la tribu,
Proclamèrent très haut le sortilège bu
Dans le flot sans honneur de quelque noir mélange.

Du sol et de la nue hostiles, ô grief !
Si notre idée avec ne sculpte un bas-relief
Dont la tombe de Poe éblouissante s'orne

Calme bloc ici-bas chu d'un désastre obscur
Que ce granit du moins montre à jamais sa borne
Aux noirs vols du Blasphème épars dans le futur.

(1876)

Brinde

Nada, esta espuma, virgem verso
A não designar mais que a copa;
Ao longe se afoga uma tropa
De sereias vária ao inverso.

Navegamos, ó meus fraternos
Amigos, eu já sobre a popa
Vós a proa em pompa que topa
A onda de raios e de invernos;

Uma embriaguez me faz arauto,
Sem medo ao jogo do mar alto,
Para erguer, de pé, este brinde

Solitude, recife, estrela
A não importa o que há no fim de
Um branco afã de nossa vela.

(Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos. *Mallarmé*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1980, pp. 32-33. [Tradução de Augusto de Campos])

A tumba de Edgar Poe

Tal que a Si-mesmo enfim a Eternidade o guia,
O Poeta suscita com o gládio erguido
Seu século espantado por não ter sabido
Que nessa estranha voz a morte se insurgia!

Vil sobressalto de hidra ante o anjo que urgia
Um sentido mais puro às palavras da tribo,
Proclamaram bem alto o sortilégio atribuído
à onda sem honra de uma negra orgia.

Do solo e céu hostis, ó dor! Se o que descrevo –
A ideia sob – não esculpir baixo-relevo
Que ao túmulo de Poe luminescente indique,

Calmo bloco caído de um desastre obscuro,
Que este granito ao menos seja eterno dique
Aos voos da Blasfêmia esparsos no futuro.

(Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos. *Mallarmé*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1980, pp. 66-67. [Tradução de Augusto de Campos.])

Arthur Rimbaud

(França, 1854-1891)

Vénus Anadyomène

Comme d'un cerceuil vert en fer blanc, une tête
De femme à cheveux bruns fortement pommadés
D'une vieille baignoire émerge, lente et bête,
Avec des déficits assez mal ravaudés;

Puis le col gras et gris, les larges omoplates
Qui saillent; le dos court qui rentre et qui ressort;
Puis les rondeurs des reins semblent prendre l'essor;
La graisse sous la peau paraît en feuilles plates;

L'échine est un peu rouge, et le tout sent un goût
Horrible étrangement; on remarque surtout
Des singularités qu'il faut voir à la loupe...

Les reins portent deux mots gravés: *Clara Venus*;
– Et tout ce corps remue et tend sa large croupe
Belle hideusement d'un ulcère à l'anus.

(1870)

Ma bohème

(Fantasia)

Je m'en allais, les poings dans mes poches crevées;
Mon paletot soudain devenait idéal;
J'allais sous le ciel, Muse, et j'étais ton féal;
Oh! là là! que d'amours splendides j'ai rêvées!

Mon unique culotte avait un large trou.
Petit-Poucet rêveur, j'égrenais dans ma course
Des rimes. Mon auberge était à la Grande-Ourse.
Mes étoiles au ciel avaient un doux frou-frou

Et je les écoutais, assis au bord des routes,
Ces bons soirs de septembre où je sentais des gouttes
De rosée à mon front, comme un vin de vigueur;

Où, rimant au milieu des ombres fantastiques,
Comme des lyres, je tirais les élastiques
De mes souliers blessés, un pied près de mon coeur!

Vénus Anadiômene

Como de um verde túmulo em latão o vulto
De uma mulher, cabelos brunos empastados,
De uma velha banheira emerge, lento e estulto,
Com déficits bastante mal dissimulados;

Do colo graxo e gris saltam as omoplatas
Amplas, o dorso curto que entra e sai no ar;
Sob a pele a gordura cai em folhas chatas,
E o redondo dos rins como a querer voar...

O dorso é avermelhado e em tudo há um sabor
Estranhamente horrível; notam-se, a rigor,
Particularidades que demandam lupa...

Nos rins dois nomes só gravados: CLARA VENUS;
– E todo o corpo move e estende a ampla garupa
Bela horrorosamente, uma úlcera no ânus.

(Augusto de Campos. *Rimbaud Livre*. São Paulo: Perspectiva, 1992, pp. 24-25.)

Minha Boêmia

(Fantasia)

Lá ia eu, de mãos nos bolsos descosidos;
Meu paletó também tornava-se ideal;
Sob o céu, Musa! Eu fui teu súdito leal,
Puxa vida! a sonhar amores destemidos!

O meu único par de calças tinha furos.
– Pequeno Polegar do sonho ao meu redor
Rimas espalho. Albergo-me à Ursa Maior.
– Os meus astros no céu rangem frêmitos puros.

Sentado, eu os ouvia, à beira do caminho,
Nas noites de setembro, onde senti qual vinho
O orvalho a rorejar-me a fronte em comoção;

Onde, rimando em meio a imensidões fantásticas,
Eu tomava, qual lira, as botinas elásticas
E tangia um dos pés junto ao meu coração!

(Arthur Rimbaud. *Poesia Completa*. Trad. e comentários Ivo Barroso. 3ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007, pp. 118-119.)

Les corbeaux

Seigneur, quand froide est la prairie,
Quand dans les hameaux abattus,
Les longs angelus se sont tus...
Sur la nature défleurie
Faites s'abattre des grands cieux
Les chers corbeaux délicieux.

Armée étrange aux cris sévères,
Les vents froids attaquent vos nids!
Vous, le long des fleuves jaunés,
Sur les routes aux vieux calvaires,
Sur les fossés et sur les trous
Dispersez-vous, ralliez- vous!

Par milliers, sur les champs de France,
Où dorment des morts d'avant-hier,
Tournoyez, n'est-ce pas, l'hiver,
Pour que chaque passant repense!
Sois donc le crieur du devoir,
Ô notre funèbre oiseau noir!

Mais, saints du ciel, en haut du chêne,
Mât perdu dans le soir charmé,
Laissez les fauvelles de mai
Pour ceux qu'au fond du bois enchaîne,
Dans l'herbe d'où l'on ne peut fuir,
La défaite sans avenir.

Os corvos

Senhor, quando os campos são frios
E nos povoados desnudos
Os longos ângelus são mudos...
Sobre os arvoredos vazios
Fazei descer dos céus preciosos
Os caros corvos deliciosos.

Hoste estranha de gritos secos
Ventos frios varrem nossos ninhos!
Vós, ao longo dos rios maninhos,
Sobre os calvários e seus becos,
Sobre as fossas, sobre os canais,
Dispersai-vos e ali restais.

Aos milhares, nos campos ermos,
Onde há mortos recém-sepultos,
Girai, no inverno, vossos vultos
Para cada um de nós vos vermos,
Sede a consciência que nos leva,
Ô funerais aves das trevas!

Mas, anjos do ar, no alto da fronde,
Mastros sem fim que os céus encantam,
Deixai os pássaros que cantam
Aos que no breu do bosque esconde,
Lá, onde o escuro é mais escuro,
Uma derrota sem futuro.

(Augusto de Campos. *Rimbaud Livre*. São Paulo: Perspectiva, 1992, pp. 46-49.)

“Toda a estética de Baudelaire se funda no ódio pela burguesia que está no poder, constituindo uma série bem organizada e coerente de provocações contra as ideias burguesas do bem e do belo. [...] Até mesmo a busca do novo e da inovação constante é, antes de ser pesquisa e exploração cognitiva por meio da linguagem, negação sistemática do senso comum, ofensa ao bom senso e à ponderação, rechaço das ideias herdadas e da própria comunicação. Depois de Baudelaire e antes das vanguardas, o maior provocador (inclusive no sentido de provocar a linguagem a desvelar-se até o fundo, a vomitar a si mesma, a explodir) foi Rimbaud.”

(Alfonso Berardinelli. “Quatro tipos de obscuridade”. In: *Da Poesia à Prosa*. Org. Maria Betânia Amoroso. Trad. Marcos Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 138-139.)

Uma Temporada no Inferno

[fragmento inicial]

Outroza, se bem me lembro, minha vida era um festim onde se abriam todos os corações, onde todos os vinhos corriam.

Uma noite, sentei a Beleza nos meus joelhos. — E achei-a amarga. — E injuriei-a.

Armei-me contra a justiça.

Fugi. Ó feiticeiras, ó miséria, ó ódio, a vós é que meu tesouro foi confiado.

Consegui fazer desvanecer-se em meu espírito toda a esperança humana. Sobre toda alegria, para estrangulá-la, dei o salto surdo da fera.

Chamei os carrascos para, perecendo, morder a coroa de seus fuzis. Chamei as calamidades, para me sufocar com a areia, com o sangue. O infortúnio foi o meu deus. Estendi-me na lama. Sequei-me ao ar do crime. E preguei boas peças à loucura.

E a primavera me trouxe o pavoroso riso do idiota.

Ora, muito recentemente, quando eu estava quase nas últimas, pensei em procurar a chave do antigo festim, onde eu recobriria talvez o apetite.

A caridade é essa chave. — Esta inspiração prova que sonhei.

“Permanecerás hiena, etc...” exclamou o demônio que me coroou de tão gentis papoulas. “Ganha a morte com todos os teus apetites, e o teu egoísmo e todos os pecados capitais.”

Ah! foi o que fiz e por demais! — Todavia, caro Satã, por favor, tende para mim um olhar menos irritado! e enquanto ficais à espera de umas tantas covardiazinhas em atraso, e já que apreciáis no escritor a ausência das faculdades descritivas ou instrutivas, destaco para vós estas poucas hediondas folhas de meu caderno de réprobo.

(*Une Saison em Enfer / Uma Temporada no Inferno*, 1873)

(Arthur Rimbaud. *Uma Temporada no Inferno & Iluminações*. Trad. introdução e notas Ledo Ivo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985, pp. 45-46.)

Bárbaro

Muito depois dos dias e das estações, e dos seres e dos países,

O pavilhão de carne sangrenta sobre a seda dos mares e das flores árticas; (elas não existem).

Restabelecido das velhas fanfarras de heroísmo – que nos atacam ainda o coração e a cabeça – longe dos antigos assassinos –

Oh! o pavilhão de carne sangrenta sobre a seda dos mares e das flores árticas; (elas não existem).

Doçuras!

Os braseiros, chovendo nas rajadas de geadas, – Doçuras! – os fogos na chuva do vento de diamantes lançada pelo coração terrestre eternamente carbonizado para nós. – Ó mundo! –

(Longe dos velhos refúgios e das velhas flamas, que se ouve, que se sente,)

Os braseiros e as espumas. A música, virada dos abismos e choque dos flocos de gelo nos astros.

Ó Doçuras, ó mundo, ó música! E lá, as formas, os suores, as cabeleiras e os olhos, boiando. E as lágrimas brancas, ferventes, – ó doçuras! – e a voz feminina chegada ao fundo dos vulcões e das grutas árticas.

O pavilhão...

(*Illuminations / Iluminações*, 1874)

(Arthur Rimbaud. *Uma Temporada no Inferno & Iluminações*. Trad. introdução e notas Ledo Ivo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985, p. 120.)

Lautréamont

[Isidore Ducasse]

(Uruguai/França, 1846-1870)

Os Cantos de Maldoror

Canto Primeiro [fragmento]

Eu vi, durante toda a minha vida, sem excetuar um só, os homens de ombros estreitos, praticarem atos estúpidos e numerosos, embrutecerem seus semelhantes, porem o dinheiro dos outros no bolso, e perverterem as almas por todos os meios. Assim chamam eles o motivo de suas ações: a glória. Vendo esses espetáculos, eu quis rir como os outros; mas isso, estranha imitação, era impossível. Peguei um canivete cuja lâmina tinha um gume afiado, e rasguei minhas carnes nos lugares onde se reúnem os lábios. Por um instante, acreditei haver alcançado meu objetivo. Examinei em um espelho essa boca ferida por minha própria vontade! Havia sido um erro! O sangue, que corria em abundância dos dois ferimentos, não permitia distinguir, aliás, se esse era verdadeiramente o riso dos outros. Mas, após alguns instantes de comparação, vi muito bem que meu riso não se assemelhava ao dos humanos, ou seja, eu não ria. Eu vi os homens, de cabeça feia e olhos terríveis enfiados na órbita obscura, ultrapassarem a dureza da rocha, a rigidez do aço fundido, a crueldade do tubarão, a insolência da juventude, o furor insensato dos criminosos, as traições do hipócrita, os mais extraordinários atores, a força de caráter dos padres, e os seres os mais fechados por fora, os mais frios dos mundos e do céu; cansarem os moralistas na tentativa de descobrir seu coração, e fazerem recair sobre si a cólera implacável do alto. Eu os vi a todos, ora o punho mais robusto dirigido na direção do céu, como aquele de uma criança já pervertida contra sua mãe, provavelmente excitados por algum espírito do inferno, os olhos possuídos por um remorso ardente e ao mesmo tempo enfurecido, em um silêncio glacial, não ousarem emitir as meditações vastas e ingratas encerradas em seus corações, a tal ponto estavam cheias de injustiça e de horror, e entristecerem de compaixão o Deus da misericórdia; ora, a cada momento do dia, desde o início da infância até o fim da velhice, distribuírem anátemas incríveis, que não tinham o senso comum, contra tudo o que respira, contra eles mesmos e contra a Providência, a prostituírem as mulheres e as crianças, e assim desonrarem as partes do corpo consagradas ao pudor. Então, os mares sublevam suas águas, engolem as tábuas em seus abismos; os furacões, os terremotos viram as casas ao avesso; as pestes, as doenças diversas dizimam as famílias suplicantes. Mas os homens não prestam atenção. Eu os vi também enrubescerem, empalidecerem de vergonha por seu comportamento sobre essa terra; raramente. Tempestades, irmãos dos furacões; firmamento azulado, cuja beleza não admito; mar hipócrita, imagem do meu coração; terra, com o seio misterioso; habitantes das esferas; universo inteiro; Deus, que o criaste com magnificência, é a ti que invoco: mostra-me um homem que seja bom!... Mas que tua graça decuplique minhas forças naturais; pois, diante do espetáculo desse monstro, posso morrer de espanto: morre-se por menos. O que foi que eu disse contra os homens? Quem sou eu para recriminá-los por alguma coisa? Sou mais cruel que eles.

(*Les Chants de Maldoror / Os Cantos de Maldoror*, 1869)

(Lautréamont. *Obra Completa*. Trad. Claudio Willer. São Paulo: Iluminuras, 1997, pp. 69-71.)

Tristan Corbière

(França, 1845-1875)

Rondel

Il fait noir, enfant, voleur d'étincelles !
Il n'est plus de nuits, il n'est plus de jours ;
Dors... en attendant venir toutes celles
Qui disaient : Jamais ! Qui disaient : Toujours !

Entends-tu leurs pas ?... Ils ne sont pas lourds :
Oh ! les pieds légers ! – L'Amour a des ailes...
Il fait noir, enfant, voleur d'étincelles !

Entends-tu leurs voix ?... Les caveaux sont sourds.
Dors : Il pèse peu, ton faix d'immortelles :
Ils ne viendront pas, tes amis les ours,
Jeter leur pavé sur tes demoiselles...
Il fait noir, enfant, voleur d'étincelles !

(*Les amours jaunes*, 1873)

Petit mort pour rire

Va vite, léger peigneur de comètes !
Les herbes au vent seront tes cheveux ;
De ton ceil béant jailliront les feux
Follets, prisonniers dans les pauvres têtes...

Les fleurs de tombeau qu'on nomme Amourettes
Foisonneront plein ton rire terreux...
Et les myosotis, ces fleurs d'oublies...

Ne fais pas le lourd : cercueils de poetas.
Pour les croque-morts sont de simples jeux,
Boîtes à violon qui sonnent le creux...
Ils te croiront mort – Les bourgeois sont bêtes –
Va vite, léger peigneur de comètes !

(*Les amours jaunes*, 1873)

Rondel

É noite, menino, ladrão de centelhas!
Não há mais noites, e dias já não há;
Dorme... esperando chegar a vez daquelas
Que diziam: Claro! e diziam: Quiçá!

Escutas os passos vindos para cá?...
Oh, seus pés têm asas... – o Amor usa delas!
É noite, menino, ladrão de centelhas!

Escutas vozes?... não, na cova surda hás
De dormir, sob perpétuas amarelas;
E dos teus amigos-da-onça não virá
Nenhum, jogar pedras em tuas donzelas...
É noite, menino, ladrão de centelhas!

(Tristan Corbière. *Os Amores Amarelos*. Introd., trad. e notas Marcos Antônio Siscar. São Paulo: Iluminuras, 1996, pp. 140-141.)

Menino que morreu de rir

Vai depressa, leve penteador de cometas!
As ervas ao vento serão teus cabelos;
de teus olhos arregalados brotarão os fogos-
-fátuos, prisioneiros das pobres cabeças...

As flores de túmulo que se chamam "grama de
amor"
abundarão em teu riso terroso...
E os miosótis, essas flores de masmorra...

Não te faças pesado: os esquifes dos poetas.
Para os come-defuntos não passam de uns
brinquedos,
caixas de violino ressoando vazias...
Pensarão que estás morto – os burgueses são tolos –
vai depressa, leve penteador de cometas...

[Tradução em prosa, sem rima nem métrica regular.]
(Mário Faustino. "Lição de clareza". In: *Artesanatos de Poesia*. Org. Maria Eugênia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 136.)

Epitáfio

Salvo os amorosos principiantes ou findos que querem principiar pelo fim há tantas coisas que findam pelo princípio que o princípio principia a findar por estar no fim o fim disso é que os amorosos e outros findarão por principiar a reprincipiar por esse princípio que terá findo por não ser mais que o fim retornado o que principiará por ser igual à eternidade que não tem fim nem princípio e terá findo por ser também finalmente igual à rotação da terra onde se findará por não distinguir mais onde principia o fim de onde finda o princípio o que é todo fim de todo princípio igual a todo princípio final do infinito definido pelo indefinido. – Igual um epitáfio igual um prefácio e vice-versa. (*Sabedoria das Nações*)

Matou-se de paixão ou morreu de preguiça,
Se vive, é só de vício; e deixa apenas isso:
– Não ser a sua amante foi seu maior suplício. –

Não nasceu por nenhum lado
E foi criado como mudo.
Tornou-se um arlequim-guisado,
Mistura adúltera de tudo.

Tinha um *não-sei-que*, – sem saber onde;
Ouro, – sem trocado para o bonde;
Nervos, – sem nervo; vigor sem “garra”;
Alma, – faltava uma guitarra;
Amor, – mas sem bastante fome.
– Muitos nomes para ter um nome. –

Idealista, – sem ideia. Rima
Rica, – sem matéria-prima;
De volta, – sem nunca ter ido;
Se achando sempre perdido.

Poeta, apesar do verso;
Artista sem arte, – ao inverso;
Filósofo – vide-verso.

Um sério cômico, – sem sal.
Ator: não soube seu papel;
Pintor: dó-ré-mi-fá-sol;
E músico: usava o pincel.

Uma cabeça! – sim, de vento;
Muito louco para ter tento;
Seu mal foi singular de *mais*.
– Seus pés quebrados, pés demais.

Avis rara – mas de rapina;
Macho.. com manha feminina;
Capaz de tudo, – bom para nada;
Com certeza, – por certo errada.

Pródigo como o filho errante
Do Testamento, – herança vacante.
Rebelde, – e com receio do lugar
Comum não saía do lugar.

Colorista sem cavalete;
Incompreendido... – abriu o peito:
Chorou, cantou em falsete;
– E foi um defeito perfeito.

Não foi alguém, nem foi ninguém.
Seu natural era o ar bem
Posto, em pose para a posteridade;
Cínico, na maior ingenuidade;
Impostor, sem cobrar imposto.
– Seu gosto estava no desgosto.

Ninguém foi mais igual, mais gêmeo
Irmão siamês de si mesmo.
Viu-se a si próprio ao microscópio:
Micróbio de seu próprio ópio.
Viajante de rotas perdidas,
S.O.S. sem salva-vidas...

Muito cheio de si para aturar-se,
Cabeça “alta”, espírito ativo,
Findou, sem saber findar-se,
Ou vivo-morto ou morto-vivo.

Aqui jaz, coração sem cor, desacordado,
Um bem logrado malgrado.

(*Les amours jaunes / Os amores amarelos*, 1873)

(Augusto de Campos. *Verso, Reverso, Controverso*. São Paulo: Perspectiva, 1978, pp. 228-233.)

“Corbière foi verdadeiramente moderno [...] não só por causa do dilema que era seu tema constante, mas no tom e no léxico de seus versos. Seu coloquialismo, por exemplo, foi uma ruptura eficaz com as convenções poéticas que conservaram uma forte influência sobre Baudelaire; e as potencialidades de seu léxico coloquial seriam apreciadas fora da França, mesmo que os poetas franceses posteriores, em geral, tenham preferido o exemplo da ‘alquimia do verbo’ de Rimbaud ou do simbolismo hermético de Mallarmé.”
(Michael Hamburger. “Identidades perdidas”. In: *A Verdade da Poesia*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 69.)

Jules Laforgue

(França, 1870-1887)

Complainte de la Lune en province

Ah! La belle pleine Lune,
Grosse comme une fortune!

La retraite sonne au loin,
Un passant, monsieur l'adjoint;

Un clavecin joue en face,
Un chat traverse la place:

La province qui s'endort!
Plaquant un dernier accord,

Le piano clôt sa fenêtre.
Quelle heure peut-il bien être?

Calme lune, quel exil!
Faut-il dire: ainsi soit-il?

Lune, ô dilettante lune,
A tous les climats commune,

Tu vis hier le Missouri,
Et les remparts de Paris,

Les fiords bleus de la Norwège,
Les pôles, les mers, que sais-je?

Lune heureuse! Ainsi tu vois,
A cette heure, le convoi

De son voyage de noce!
Ils sont partis pour l'Écosse.

Quel panneau, si, cet hiver,
Elle eût pris au mot mes vers!

Lune, vagabonde lune,
Faisons cause et mœurs communes?

Ô riches nuits! Je me meurs,
La province dans le cœur!

Et la lune a, bonne vieille,
Du coton dans les oreilles.

(*Les Complaintes*, 1885)

Lamento da Lua na província

Ah! Lua, formosa e cheia,
Gorda, qual fortuna alheia!

A corneta soa ao fundo,
Passa, o senhor adjunto.

Um cravo toca a vidraça,
Um gato atravessa a praça:

É a província que dorme,
Lançando o último acorde!

O piano bate a janela.
Que horas são agora bela?

Tranquila Lua, que exílio!
Preciso dizer que brilho?

Lua - Lua dilettante,
De nenhum clima distante,

Viste ontem o Missouri,
E as muralhas de Paris,

Fiordes do norte-europeu,
Polos, mares, que sei eu?

Lua contente, assim olhas,
O comboio, a esta hora,

De sua viagem de núpcias!
Eles partiram pra Escócia.

Que cena, se, este inverno,
Ela seguisse meus versos!

Lua - Lua navegante,
Sejamos então amantes?

Ricas noites! Eu me deito,
A Província no meu peito!

E a Lua, bondosa velha,
Enfia algodão na orelha.

(Jules Laforgue. *Litanias da Lua*. Org. e trad. Régis Bonvicino. São Paulo: Iluminuras, 1989, pp. 50-53.)

Stérilités

Cautérise et coagule
En virgules
Ses lagunes des cerises
Des félines Ophélie
Orphelines en folie.

Tarentules de feintises
La remise
Sans rancune des ovules
Aux félines Ophélie
Orphelines en folie.

Sourd aux brises des scrupules,
Vers la bulle
De la lune, adieu, nolis
Ces félines Ophélie
Orphelines en folie !...

(L'Imitation de Notre-Dame la Lune, 1886)

Locutions des Pierrots

IX

Ton geste,
Houri,
M'a l'air d'un *memento mori*
Qui signifie au fond : va, reste...

Mais je te dirai ce que c'est,
Et pourquoi je pars, foi d'honnête
Poète
Français.

Ton cœur a la conscience nette,
Le mien n'est qu'un individu
Perdu
De dettes.

(L'Imitation de Notre-Dame la Lune, 1886)

Esterilidades

Cauteriza e coagula
Nestas vírgulas
As lagunas vermelhinhas
Dessas Ofélias felinas
Nossas órfãs em folia.

Tarântula de cortinas
Que recria
Sem nenhum rancor de óvulos
Tais Ofélias felinas
Nossas órfãs em folia.

Surdo à brisa dos escrúpulos
Rumo à lua
(Bolha), adeus, inquilinas
Tais Ofélias felinas
Nossas órfãs em folia.

(Jules Laforgue. *Litanias da Lua*. Org. e trad. Régis Bonvicino. São Paulo: Iluminuras, 1989, pp. 62-63.)

Locuções dos Pierrôs

IX

Teu olhar,
Huri,
Tem o ar de um *memento mori*
Que diz no fundo: – Ah, deixa estar...

Mas direi tudo de uma vez,
E por que parto à fé de honrado
Bardo
Francês.

Teu coração tem fiador honesto,
O meu vive de duplicatas
Levadas
A protesto.

(Augusto de Campos. *Verso, Reverso, Controverso*. São Paulo: Perspectiva, 1978, pp. 246-247.)

Guillaume Apollinaire

(França, 1880-1918)

Zona

[fragmentos]

Enfim cansaste deste mundo antigo

Pastora ó torre Eiffel o rebanho das pontes bale esta manhã

Chega de viveres na antiguidade grega e romana

Aqui até os automóveis têm um ar de velhos
Só a religião ainda permanece nova a religião
Permanece simples como os hangares da aviação

[...]

Lês prospectos catálogos anúncios que cantam bem alto
É a poesia da manhã e para a prosa há os jornais
Há edições baratíssimas com aventuras policiais
Biografias dos grandes homens e mil títulos mais

Esta manhã vi uma rua bonita não me lembro do nome
Nova e limpa era como um clarim do sol
Diretores operários e lindas esten-datilógrafas
Nela passam quatro vezes por dia
De segunda de manhã ao sábado de tarde
De manhã por três vezes nela geme a sirena
E um sino enraivecido ao meio-dia gane
Inscrições das tabuletas e paredes
Placas avisos nela vozeiam como papagaios
Gosto da graça desta rua industrial
Em Paris entre a Rua Aumont-Thiéville e a Avenida dês Ternes

[...]

Agora andas sozinho na multidão de Paris
Rodam tropas de ônibus mugindo perto de ti
A angústia do amor te contrai a garganta
Como se não fosses nunca mais ser amaod
Se vivesses outrora entravas pra um convento
Mas encabulas se te surpreendem em prece
E zombas de ti mesmo o teu riso crepita como o fogo do inferno
As faíscas de teu riso douram-te o fundo da vida
É um quadro pendurado num museu deserto
Que muitas vezes vais observar de perto

[...]

Agora estás à beira do Mediterrâneo
Sob os limoeiros em flor o ano inteiro
Com alguns amigos passeias de veleiro
Um é de Nice um de Mônaco dois da Turbia
Olhamos com receio os polvos na água fria
E entre as algas os peixes imagens do Senhor

Estás no quintal duma pensão perto de Praga
Te sentes bem feliz há uma rosa na mesa
E observas em vez de escrever teu conto em prosa
O besouro que dorme no coração da rosa

[...]
E estás em Marselha em meio a melancias

E estás em Coblença no hotel do Gigante

E em Roma te sentas sob uma nespereira do Japão

Em Amsterdão com uma jovem que achas bonita e é feia
E que vai se casar com um estudante de Leyde
Alugamos um quato em latim Cubicula locanda
Lembro passei três dias e tanto por Gudá

Em Paris na sala do juiz de instrução
Como um delinquente me botam na prisão

Fizeste dolorosas e felizes viagens
Antes de perceberes a mentira e a idade
Tu sofreste de amor aos vinte e aos trinta anos
Eu vivi como um louco e perdi meus anos
Não ousas olhar as mãos e a cada instante eu quero soluçar
Por ti pela que amo por tudo o que te fez parar

Fitas com lágrimas os emigrantes pobres
Crêem em Deus rezam suas mulheres dão de mamar
Espalham seu odor na estação Saint-Lazare
Têm fé na sua estrela como outrora os reis-magos
Esperam ganhar dinheiro na Argentina
E regressar depois tendo dado com a mina
Uma família leva um acolchoado vermelho como se leva o coração
O acolchoado e os nossos sonhos são igualmente ficção
Alguns desses emigrantes ficam aqui em quartos sórdidos na Rua des Rosiers ou na des Ecouffes
Vejo-os de tarde na rua tomando um ar
Como as peças no xadrez raro mudam de lugar
A maioria é judeu as mulheres usam perucas
E ficam sentadas exangues no fundo das baiucas

Estás de pé num bar de última extração
E tomas um café entre os sem ilusão

Estás à noite num grande restaurante

Estas mulheres não são más mas têm as suas manias
Todas mesmo a mais feia faz sofrer o amante

Ela é mulher dum guarda civil de Jersey

Suas mãos que não vi são duras e engelhadas

Tenho uma piedade imensa pelas costuras do seu ventre

Humilho agora uma pobre mulher e minha côa ri feio

Estás só a manhã vai vir
Os leiteiros fazem soar as latas pelas ruas
A noite vai-se embora como uma bela mestiça
Como Ferdine a falsa e Léa a sem preguiça

E bebes este álcool ardente como a tua vida
Tua vida que bebes como alcoólica bebida

Te diriges a Auteil queres chegar em casa a pé
Dormir entre fetiches da Oceania e da Guiné
São Cristos de outras formas e de uma outra crença
São Cristos inferiores mas de esperança intensa

Adeus adeus

Sol pescoço cortado

(*Alcools*, 1913)

(Guillaume Apollinaire. *Escritos de Apollinaire*. Trad., seleção e notas Paulo Hecker Filho. Porto Alegre: L&PM, 1984, pp. 199-204.)
[Tradução sem o esquema de rimas do original. Há outra tradução, coletiva, publicada em *Folha de S. Paulo*, Mais!, 29 de junho de 2003.]

“Se, depois de Baudelaire e Whitman, lemos um poema como ‘Zone’, de Apollinaire, em *Alcools* (1913), nota-se imediatamente que o estilo poético moderno já é um fato, uma aquisição histórica [...]. / Em ‘Zone’ [...], Paris é vista do alto: um ‘rebanho de pontes’ vigiado e custodiado por aquela espécie de pastora ou pastorinha que é a torre Eiffel. [...] Em Apollinaire, a miscelânea de imagens é jocosamente sentimental e *naïve*. Porém, apesar do material elegíaco muitas vezes adocicado, o que conta nesse poema-container é a organização, isto é, o acúmulo do heterogêneo em torno de um momento de melancolia evocativa. Paris é o centro ao redor do qual muitas outras cidades orbitam, algumas só nomeadas ou pouco mais que isso, e toda uma variada e vasta geografia sentimental do autor: postais ilustrados da interioridade e da memória. Apollinaire se diverte com um romantismo de literatura popular ou de cartaz publicitário. Mas a organização do poemeto segue a lógica, mais whitmaniana que baudelaireana, do afrouxamento dos nexos lógicos e representativos.”
(Alfonso Berardinelli. “Cidades visíveis na poesia moderna”. In: *Da Poesia à Prosa*. Org. Maria Betânia Amoroso. Trad. Marcos Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2007, pp. 149-150.)

Rainer Maria Rilke

(Áustria, 1875-1926)

Archaischer Torso Apollos

Wir kannten nicht sein unerhötes Haupt,
darin die Augenäugel reiften. Aber
sein Torso glüht noch wie ein Kandelaber,
in dem sein Schauen nur zurückgeschraubt

sich hält und glänzt. Sonst könnte nicht der Bug
der Brust dich blenden, und im leisen Drehen
der Lenden Könnte nicht ein Lächeln gehen
zu jener Mitte, die die Zeugung trug.

Sonst stünde dieser Stein entstellt und kurz
unter der Schultern durchsichtigem Sturz
und flimmert nicht so wie Raubtierfelle

und bräche nicht aus allen seinen Rändern
aus wie ein Stern: denn da ist keine Stelle,
die dich nicht sieht. Du musst dein Leben ändern.

(*Neue Gedichte / Novos Poemas*, 1907)

Der Panther

Im Jardin des Plantes, Paris

Sein Blick ist vom Vorübergehn der Stäbe
so müd geworden, dass er nichts mehr hält.
Ihm ist, als ob es tausend Stäbe gäbe
und hinter tausend Stäben keine Welt.

Der weiche Gang geschmeidig starker Schritte,
der sich im allerkleinsten Kreise dreht,
ist wie ein Tanz von Kraft um eine Mitte,
in der betäubt ein grosser Wille steht.

Nur manchmal schiebt der Vorhang der Pupille
sich lautlos auf —. Dann geht ein Bild hinein,
geht durch der Glieder angespannte Stille —
und hört im Herzen auf zu sein.

(*Neue Gedichte / Novos Poemas*, 1907)

“O poema ‘Der Panther’ de Rilke, um triunfo aparente da objetividade poética [...], é tanto um poema sobre o processo poético quanto um poema sobre uma pantera: o olhar do animal enjaulado, que só depara imagens não relacionadas à verdadeira natureza da pantera, imagens que lhe penetram os olhos mas ‘deixam de ser’ quando chegam ao seu coração, como as grades das primeiras estrofes, sem nenhum ‘mundo’ por trás delas – todas essas são analogias da ‘interioridade’ alienada do poeta [...]”

(Michael Hamburger. “A verdade da poesia”. In: *A Verdade da Poesia*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 47.)

Torso arcaico de Apolo

Não conhecemos sua cabeça inaudita
Onde as pupilas amadureciam. Mas
Seu torso brilha ainda como um candelabro
No qual o seu olhar, sobre si mesmo voltado

Detém-se e brilha. Do contrário não poderia
Seu mamilo cegar-te e nem à leve curva
Dos rins poderia chegar um sorriso
Até aquele centro, donde o sexo pendia.

De outro modo erguer-se-ia esta pedra breve e mutilada
Sob a queda translúcida dos ombros
E não tremeria assim, como pele selvagem.

E nem explodiria para além de todas as suas fronteiras
Tal como uma estrela. Pois nela não há lugar
Que não te mire: Precisas mudar de vida.

(Mário Faustino. *Poesia Completa / Poesia Traduzida*. Org. Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985, pp. 262-263.)

A pantera

No Jardin des Plantes, Paris

Seu olhar, de tanto percorrer as grades,
está fatigado, já nada retém.
É como se existisse uma infinidade
de grades e mundo nenhum mais além.

O seu passo elástico e macio, dentro
do círculo menor, a cada volta urde
como que uma dança de força: no centro
delas, uma vontade maior se aturde.

Certas vezes, a cortina das pupilas
ergue-se em silêncio. — Uma imagem então
penetra, a calma dos membros tensos trilha —
e se apaga quando chega ao coração.

(R. M. Rilke. *Poemas*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, pp. 80-81.)

Georg Trakl

(Áustria, 1887-1914)

An die Verstummen

O, der Wahnsinn der großen Stadt, da am Abend
An schwarzer Mauer verkrüppelte Bäume starren,
Aus silberner Maske der Geist des Bösen schaut;
Licht mit magnetischer Geißel die steinerne Nacht
verdrängt.
O, das versunkene Läuten der Abendglocken.

Hure, die in eisigen Schauern ein totes Kindlein gebärt.
Rasend peitscht Gottes Zorn die Stirne der Besessenen,
Purpurne Seuche, Hunger, der grüne Augen zerbricht.
O, das gräßliche Lachen des Golds.

Aber stille blutet in dunkler Höhle stummere Menschheit,
Fügt aus harten Metallen das erlösende Haupt.

(1914)

Klage

Schlaf und Tod, die düstern Adler
Umrauschen nachtlang dieses Haupt:
Des Menschen goldnes Bildnis
Verschlänge die eisige Woge
Der Ewigkeit. An schaurigen Riffen
Zerschellt der purpurne Leib
Und es klagt die dunkle Stimme
Über dem Meer.
Schwester stürmischer Schwermut
Sieh ein ängstlicher Kahn versinkt
Unter Sternen,
Dem schweigenden Antlitz der Nacht.

(1914)

Aos Emudecidos

Oh, a loucura da cidade grande, quando ao entardecer
Árvores atrofiadas fitam inertes ao longo do muro negro
Que o espírito do mal observa com máscara prateada;
A luz, com açoite magnético, expulsa a noite pétrea.
Oh, o repicar perdido dos sinos da tarde.

A puta, em gélidos calafrios, pare uma criança morta.
A cólera de Deus chicoteia enfurecida a fronte do
posseço,
Epidemia purpúrea, fome que despedaça olhos verdes.
Oh, o terrífico riso do ouro.

Mas quieta em caverna escura sangra muda a
humanidade,
Constrói de duros metais a cabeça redentora.

(Georg Trakl. *De Profundis*. Trad. Claudia Cavalcanti. São Paulo: Iluminuras, 2010, pp. 64-65.)

Lamento

Sono e morte, as tenebrosas águias
Rodeiam a noite inteira essa cabeça:
A imagem dourada do Homem
Engolida pela onda fria
Da eternidade. Em medonhos recifes
Despedaça-se o corpo purpúreo
E a voz escura lamenta
Sobre o mar.
Irmã de tempestuosa melancolia
Vê, um barco aflito afunda
Sob estrelas,
Sob o rosto calado da noite.

(Georg Trakl. *De Profundis*. Trad. Claudia Cavalcanti. São Paulo: Iluminuras, 2010, pp. 76-77.)

“Trakl [...] constitui o criador de um mundo verbal ‘abstrato’ em que se encontra inserida obscuramente, nas suas linhas essenciais, a situação do homem ocidental numa época tida como ‘terminal’. A melancolia desses versos não permite ser referida, a não ser de forma muito indireta, às mágoas pessoais do poeta; ela é, por assim dizer, categoria fundamental de um sistema antropológico que esboça a imagem ‘partida’ do homem em decomposição das grandes cidades ‘putrefatas’ do Ocidente; imagem sombria que o poeta lança contra o ouro e azul de uma perdida ordem espiritual, ainda intacta e inocente, ainda plena de ‘coração’.”
(Anatol Rosenfeld. “Trakl ou a inocência perdida”. In: *Letras Germânicas*. São Paulo: Perspectiva / Edusp; Campinas: Ed. Unicamp, 1993, p. 151.)

Vielimir Khlébnikov

(Rússia, 1885-1922)

Encantação pelo riso

Ride, ridentes!
Derride, derridentes!
Risonhai aos risos, rimente risandai!
Derride sorrimente!
Risos soborrisos – risadas de sorridentes risores!
Hífare esrir, risos de sobrerriores riseiros!
Sorrisonhos, risonhos,
Sorridente, ridiculai, risando, risantes,
Hilariando, riando,
Ride, ridentes!
Derride, derridentes!

(1910)

(Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Boris Schnaiderman. *Poesia Russa Moderna*. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 119. Tradução de Haroldo de Campos.)

Marina Tzvietáieva

(Rússia, 1892-1941)

Poema 8 para as terras tchecas

Oh lágrimas nos olhos!
Pranto de amor, de ira!
Tchecoslováquia: espólios!
Espanha em sangue expira!

Oh monte que apavora,
pois tudo eclipsa avesso!
Devolvo – é hora, é hora –
ao Criador o ingresso.

Nego-me – a ser. Detida
no hospício com a escória,
renego mesmo – a vida.
Com lobos praça afora,

nego-me – a uivar demente.
Com tubarões do prado,
Nego-me – a ir em frente:
descer dorsos a nado.

Que ouvidos fiquem surdos
e olhos videntes – cegos.
Ao teu mundo de absurdos,
respondo só – renego.

(15 de março – 11 de maio de 1939)

(Trad. Boris Schnaiderman e Nelson Ascher. *Estudos Avançados*, vol.12, n. 32, São Paulo, janeiro-abril 1998, p. 119.)

Vladimir Maiakóvski

(Rússia, 1893-1930)

Eu

Nas calçadas pisadas
de minha alma
passadas de loucos estalam
calcâneos de frases ásperas
Onde
forças
esganam cidades
e em nós de nuvens coagulam
pescoços de torres
oblíquas
só
soluçando eu avanço por vias que se encruz-
ilham
à vista
de cruci-
fixos

polícias

(1913)

(Boris Schnaiderman, Augusto e Haroldo de Campos. *Maiakóvski. Poemas*. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 65. [Tradução Haroldo de Campos.]

Balalaica

Balalaica
[como um balido abala
a balada do baile
de gala]
[com um balido abala]
abala [com balido]
[a gala do baile]
louca a bala
laica

(1913)

(Boris Schnaiderman, Augusto e Haroldo de Campos. *Maiakóvski. Poemas*. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 65. [Tradução Augusto de Campos.]

A Sierguéi Iessiênin

[fragmento]

[...]

O tempo é escasso —

mãos à obra.

Primeiro

é preciso

transformar a vida,

para cantá-la —

em seguida.

Os tempos estão duros

para o artista:

Mas,

dizei-me,

anêmicos e anões,

os grandes,

onde,

em que ocasião,

escolheram

uma estrada

batida?

General

da força humana

— Verbo —

marche!

Que o tempo

cuspa balas

para trás,

e o vento

no passado

só desfaça

um maço de cabelos.

Para o júbilo

o planeta

está imaturo.

É preciso arrancar alegria

ao futuro.

Nesta vida

morrer não é difícil.

O difícil

é a vida e seu ofício.

(1926)

Konstantinos Kavafis

(Grécia, 1863-1933)

À espera dos bárbaros

O que esperamos na ágora reunidos?

É que os bárbaros chegam hoje.

Por que tanta apatia no senado?

Os senadores não legislam mais?

É que os bárbaros chegam hoje.

Que leis hão de fazer os senadores?

Os bárbaros que chegam as farão.

Por que o imperador se ergueu tão cedo

e de coroa solene se assentou

em seu trono, à porta magna da cidade?

É que os bárbaros chegam hoje.

O nosso imperador conta saudar

o chefe deles. Tem pronto para dar-lhe

um pergaminho no qual estão escritos

muitos nomes e títulos.

Por que hoje os dois cônsules e os pretores

usam togas de púrpura, bordadas,

e pulseiras com grandes ametistas

e anéis com tais brilhantes e esmeraldas?

Por que hoje empunham bastões tão preciosos

de ouro e prata finamente cravejados?

É que os bárbaros chegam hoje,
tais coisas os deslumbram.

Por que não vêm os dignos oradores
derramar o seu verbo como sempre?

É que os bárbaros chegam hoje
e aborrecem arengas, eloquências.

Por que subitamente esta inquietude?
(Que seriedade nas fisionomias!)

Por que tão rápido as ruas se esvaziam
e todos voltam para casa preocupados?

Porque é já noite, os bárbaros não vêm
e gente recém-chegada das fronteiras
diz que não há mais bárbaros.

Sem bárbaros o que será de nós?
Ah! eles eram uma solução.

(1904)

(Konstantinos Kavafis. *Poemas*. Trad. José Paulo Paes.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, pp. 106-107.)

“Este poema de Constantino Kavafis, escrito nos primeiros anos do século XX, é seco e preciso, sem qualquer ênfase ou mesmo vislumbre de emoção. Ele manifesta uma contida aspiração à catástrofe, exprimindo o dilaceramento contraditório que pode assaltar as consciências e as civilizações. Dilaceramento cujas raízes vêm talvez do período romântico, onde avultaram tanto na literatura a divisão da personalidade, o sadomasoquismo e o gosto da morte no plano individual. No plano social, a vertigem da ruína e a certeza de que as nações morrem, como os indivíduos.”

(Antonio Candido. “Quatro esperas”. In: *O Discurso e a Cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993, p. 156.)

(Boris Schnaiderman, Augusto e Haroldo de Campos. *Maiakóvski. Poemas*. São Paulo: Perspectiva, 1982, pp. 113-114. [Tradução de Haroldo de Campos.]

W. B. Yeats

(Irlanda, 1865-1939)

The Second Coming

Turning and turning in the widening gyre
The falcon cannot hear the falconer;
Things fall apart; the centre cannot hold;
Mere anarchy is loosed upon the world,
The blood-dimmed tide is loosed, and everywhere
The ceremony of innocence is drowned;
The best lack all conviction, while the worst
Are full of passionate intensity.

Surely some revelation is at hand;
Surely the Second Coming is at hand.
The Second Coming! Hardly are those words out
When a vast image out of *Spiritus Mundi*
Troubles my sight: somewhere in sands of the desert
A shape with lion body and the head of a man,
A gaze blank and pitiless as the sun,
Is moving its slow thighs, while all about it
Reel shadows of the indignant desert birds.
The darkness drops again; but now I know
That twenty centuries of stony sleep
Were vexed to nightmare by a rocking cradle,
And what rough beast, its hour come round at last,
Slouches towards Bethlehem to be born?

(1919)

A segunda vinda

Rodando em giro cada vez mais largo,
O falcão não escuta ao falcoeiro;
Tudo esboroa; o centro não segura;
Mera anarquia avança sobre o mundo,
Maré escura de sangue avança e afoga
Os ritos da inocência em toda parte;
Os melhores vacilam, e os piores
Andam cheios de irada intensidade.

Aí vem por certo uma revelação.
Por certo próxima é a Segunda Vinda.
Segunda Vinda! Digo essas palavras,
E do *Spiritus Mundi* vasta imagem
Turba-me a vista: ao longe, no deserto,
Um corpo de leão com rosto de homem,
O olhar vazio e duro como o sol,
As lerdas coxas move, enquanto em torno
Rondam sombras de pássaros coléricos.
Retorna a escuridão; mas ora eu sei
Que a vinte séculos de sono pêtreo
Vexou o pesadelo de um bercinho;
E que rude animal, chegado o tempo,
Arrasta-se a Belém para nascer?

(W. B. Yeats. *Poemas*. Trad. Paulo Vizioli. São Paulo:
Companhia das Letras, 1992, pp. 92-93.)

Sailing to Byzantium

I
That is no country for old men. The young
In one another's arms, birds in the trees
— Those dying generations — at their song,
The salmon-falls, the mackerel-crowded seas,
Fish, flesh, or fowl commend all summer long
Whatever is begotten, born, and dies.
Caught in that sensual music all neglect
Monuments of unaging intellect.

II
An aged man is but a paltry thing,
A tattered coat upon a stick, unless
Soul clap its hands and sing, and louder sing
For every tatter in its mortal dress,
Nor is there singing school but studying
Monuments of its own magnificence;
And therefore I have sailed the seas and come
To the holy city of Byzantium.

III
O sages standing in God's holy fire
As in the gold mosaic of a wall,
Come from the holy fire, perne in a gyre,
And be the singing-masters of my soul.
Consume my heart away; sick with desire
And fastened to a dying animal
It knows not what it is; and gather me
Into the artifice of eternity.

IV
Once out of nature I shall never take
My bodily form from any natural thing,
But such a form as Grecian goldsmiths make
Of hammered gold and gold enamelling
To keep a drowsy Emperor awake;
Or set upon a golden bough to sing
To lords and ladies of Byzantium
Of what is past, or passing, or to come.

(1928)

Navegando para Bizâncio

I
Aquele não é terra para velhos. Gente
Jovem, de braços dados, pássaros nas ramas
— Gerações de mortais — cantando alegremente,
Salmão no salto, atum no mar, brilho de escamas,
Peixe, ave ou carne glorificam ao sol quente
Tudo o que nasce e morre, sêmen ou semente.
Ao som da música sensual, o mundo esquece
As obras do intelecto que nunca envelhece.

II
Um homem velho é apenas uma ninharia,
Trapos numa bengala à espera do final,
A menos que a alma aplauda, cante e ainda ria
Sobre os farrapos do seu hábito mortal;
Nor há escola de canto, ali, que não estude
Monumentos de sua própria magnitude.
Por isso eu vim, vencendo as ondas e a distância,
Em busca da cidade santa de Bizâncio.

III
Ó sábios, junto a Deus, sob o fogo sagrado,
Como se num mosaico de ouro a resplender,
Vinde do fogo santo, em giro espiralado,
E tornem-se mestres-cantores do meu ser.
Rompam meu coração, que a febre faz doente
E, acorrentado a um mísero animal morrente,
Já não sabe o que é; arranquem-me da idade
Para o labor sem fim da longa eternidade.

IV
Livre da natureza não hei de assumir
Conformação de coisa alguma natural,
Mas a que o ourives grego soube urdir
De ouro forjado e esmalte de ouro em tramas,
Para acordar do ócio o sono imperial;
Ou cantarei aos nobres de Bizâncio e às damas,
Pousado em ramo de ouro, como um pássaro,
o que passou e passará e sempre passa.

(Augusto de Campos. *Poesia da Recusa*. São Paulo:
Perspectiva, 2006, pp. 187-189.)

Ezra Pound

(EUA, 1885-1972)

Portrait d'une Femme

Your mind and you are our Sargasso Sea,
London has swept about you this score years
And bright ships left you this or that in fee:
Ideas, old gossip, oddments of all things,
Strange spars of knowledge and dimmed wares of
price.

Great minds have sought you — lacking someone else.
You have been second always. Tragical?
No. You preferred it to the usual thing:
One dull man, dulling and uxorious,
One average mind — with one thought less, each year.
Oh, you are patient, I have seen you sit
Hours, where something might have floated up.
And now you pay one. Yes, you richly pay.
You are a person of some interest, one comes to you
And takes strange gain away:
Trophies fished up; some curious suggestion;
Fact that leads nowhere; and a tale for two,
Pregnant with mandrakes, or with something else
That might prove useful and yet never proves,
That never fits a corner or shows use,
Or finds its hour upon the loom of days:
The tarnished, gaudy, wonderful old work;
Idols and ambergris and rare inlays,
These are your riches, your great store; and yet
For all this sea-hoard of deciduous things,
Strange woods half sodden, and new brighter stuff:
In the slow float of differing light and deep,
No! there is nothing! In the whole and all,
Nothing that's quite your own.
Yet this is you.

(*Ripostes*, 1912)

Portrait d'une femme

Tua mente e tu são nosso mar Sargaço,
Londres te revolveu nestes vinte anos
E luzentes navios legaram-te por paga
Uns resquícios esparsos: ideias, bate-papos,
Estranhos mastros de sabedoria,
Embaçados artigos de comércio.
Homens de espírito a ti acorreram —
À falta de alguém mais.
Foste sempre a segunda. Trágico?
Não. Preferiste isso ao lugar-comum:
Um sujeito vulgar, insípido e submisso,
Uma inteligência média
E com um pensamento menos cada ano.
Oh, sei que és paciente e já te vi imersa,
Horas, quando algo poderia vir à tona.
E agora pagas. Sim, sobejamente pagas,
Tu és uma pessoa de certo interesse,
Alguém chega-se a ti e leva um lucro estranho,
Troféus içados, uma opinião peculiar,
Eventos sem sentido e uma história ou duas,
Grávidas de mandrágoras, ou de outras coisas,
Que podiam ser úteis, porém nunca são,
Não cabem em lugar nenhum, de nada valem,
Nem encontram sua hora à passagem dos dias:
O antigo, o belo, o opaco, o pomposo labor;
Os ídolos e âmbar e adornos raros,
Assim são tuas ricas e imensas reservas.
Mas, provisão marinha de coisas efêmeras,
Nessas solertes selvas já semi-encharcadas
Com mais novas e mais gloriosas bagatelas,
No lento flutuar em vária luz e treva,
Não! Não existe nada! No todo e em tudo
Nada que inteiramente seja teu.
Tal, no entanto, és tu.

(Ezra Pound. *Poesia*. Org. Augusto de Campos. São Paulo: Hucitec, 1985, pp. 63-64. Tradução de José Lino Grünewald.)

Alba

from "Langue d'Oc"

When the nightingale to his mate
Sings day-long and night late
My love and I keep state
In bower,
In flower,
'Till the watchman on the tower
Cry:
"Up! Thou rascal, Rise
I see the white
Light
And the night
Flies."

(*Lustra*, 1916)

Envoi (1919)

Go, dumb-born book,
Tell her that sang me once that song of Lawes:
Hadst thou but song
As thou hast subjects known,
Then were there cause in thee that should condone
Even my faults that heavy upon me lie
And build her glories their longevity.

Tell her that sheds
Such treasure in the air,
Recking naught else but that her graces give
Life to the moment,
I would bid them live
As roses might, in magic amber laid,
Red overwrought with orange and all made
One substance and one colour
Braving time.

Tell her that goes
With song upon her lips
But sings not out the song, nor knows
The maker of it, some other mouth,
May be as fair as hers,
Might, in new ages, gain her worshippers,
When our two dusts with Waller's shall be laid,
Siftings on siftings in oblivion,
Till change hath broken down
All things save Beauty alone.

(*Hugh Selwyn Mauberley*, 1920)

Alba

Enquanto o rouxinol à sua amante
Gorjeia a noite inteira e o dia entrante
Com meu amor observo arfante
Cada flor
Cada odor,
Até que o vigilante lá da torre
Grite:
"Levanta, patife, sus!
Vê, já reluz
A luz
Depressa, corre,
Que a noite morre..."

(Ezra Pound. *Poesia*. Org. Augusto de Campos. São Paulo: Hucitec, 1985, p. 102. Tradução de Mário Faustino.)

Envoi (1919)

Vai, livro natimudo,
E diz a ela
Que um dia me cantou essa canção de Lawes:
Houvesse em nós
Mais canção, menos temas,
Então se acabariam minhas penas,
Meus defeitos sanados em poemas
Para fazê-la eterna em minha voz

Diz a ela que espalha
Tais tesouros no ar,
Sem querer nada mais além de dar
Vida ao momento,
Que eu lhes ordenaria: vivam,
Quais rosas, no âmbar mágico, a compor,
Rubribordadas de ouro, só
Uma substância e cor
Desafiando o tempo.

Diz a ela que vai
Com a canção nos lábios
Mas não canta a canção e ignora
Quem a fez, que talvez uma outra boca
Tão bela quanto a dela
Em novas eras há de ter aos pés
Os que a adoram agora,
Quando os nossos dois pós
Com o de Waller se deponham, mudos,
No olvido que refina a todos nós,
Até que a mutação apague tudo
Salvo a Beleza, a sós.

(Ezra Pound. *Poesia*. Org. Augusto de Campos. São Paulo: Hucitec, 1985, p. 127. Tradução de Augusto de Campos.)

T. S. Eliot

(EUA/Inglaterra, 1888-1965)

A canção de amor de J. Alfred Prufrock

*S'io credesse che mia risposta fosse
A persona che mai tornasse al mondo,
Questa fiamma staria senza piu scosse.
Ma perciocche giammai di questo fondo
Non torno vivo alcun, s'i'odo il vero,
Senza tema d'infamia ti rispondo.¹*

Sigamos então, tu e eu,
Enquanto o poente no céu se estende
Como um paciente anestesiado sobre a mesa;
Sigamos por certas ruas quase ermas,
Através dos sussurrantes refúgios
De noites indormidas em hotéis baratos,
Ao lado de botequins onde a serragem
Às conchas das ostras se entrelaça:
Ruas que se alongam como um tedioso argumento
Cujo insidioso intento
É atrair-te a uma angustiante questão ...
Oh, não perguntes: "Qual?"
Sigamos a cumprir nossa visita.

No saguão as mulheres vêm e vão
A falar de Miguel Ângelo.

A fulva neblina que roça na vidraça suas espáduas,
A fumaça amarela que na vidraça seu focinho esfrega
E cuja língua resvala nas esquinas do crepúsculo,
Pousou sobre as poças aninhadas na sarjeta,
Deixou cair sobre seu dorso a fuligem das chaminés,
Deslizou furtiva no terraço, um repentino salto alçou,
E ao perceber que era uma tenra noite de outubro,
Enrodilhou-se ao redor da casa e adormeceu.

E na verdade tempo haverá
Para que ao longo das ruas flua a parda fumaça,
Roçando suas espáduas na vidraça;
Tempo haverá, tempo haverá
Para moldar um rosto com que enfrentar
Os rostos que encontrares;
Tempo para matar e criar,
E tempo para todos os trabalhos e os dias em que mãos
Sobre teu prato erguem, mas depois deixam cair uma questão;
Tempo para ti e tempo para mim,
E tempo ainda para uma centena de indecisões,
E uma centena de visões e revisões,
Antes do chá com torradas.

No saguão as mulheres vêm e vão
A falar de Miguel Ângelo.

E na verdade tempo haverá
Para dar rédeas à imaginação. "Ousarei" E ... "Ousarei?"
Tempo para voltar e descer os degraus,
Com uma calva entreaberta em meus cabelos
(Dirão eles: "Como andam ralos seus cabelos!")
— Meu fraque, meu colarinho a empinar-me com firmeza o queixo,
Minha soberba e modesta gravata, mas que um singelo alfinete apruma
(Dirão eles: "Mas como estão finos seus braços e pernas!")
— Ousarei
Perturbar o universo?
Em um minuto apenas há tempo
Para decisões e revisões que um minuto revoga.

Pois já conheci a todos, a todos conheci
— Sei dos crepúsculos, das manhãs, das tardes,
Medi minha vida em colherinhas de café;
Percebo vozes que fenecem com uma agonia de outono
Sob a música de um quarto longínquo.
Como então me atreveria?

E já conheci os olhos, a todos conheci
— Os olhos que te fixam na fórmula de uma frase;
Mas se a fórmulas me confino, gingando sobre um alfinete,
Ou se alfinetado me sinto a colear rente à parede,
Como então começaria eu a cuspir
Todo o bagaço de meus dias e caminhos?
E como iria atrever-me?

E já conheci também os braços, a todos conheci
— Alvos e desnudos braços ou de braceletes anelados
(Mas à luz de uma lâmpada, lânguidos se quedam
Com sua leve penugem castanha!)
Será o perfume de um vestido
Que me faz divagar tanto?
Braços que sobre a mesa repousam, ou num xale se enredam.
E ainda assim me atreveria?
E como o iniciaria?

.....

Diria eu que muito caminhei sob a penumbra das velas
E vi a fumaça a desprender-se dos cachimbos
De homens solitários em mangas de camisa, à janela debruçados?

Eu teria sido um par de espedaçadas garras
A esgueirar-me pelo fundo de silentes mares.

.....

E a tarde e o crepúsculo tão docemente adormecem!
Por longos dedos acariciados,
Entorpecidos ... exangues ... ou a fingir-se de enfermos,
Lá no fundo estirados, aqui, ao nosso lado.
Após o chá, os biscoitos, os sorvetes,
Teria eu forças para enervar o instante e induzi-lo à sua crise?
Embora já tenha chorado e jejuado, chorado e rezado,
Embora já tenha visto minha cabeça (a calva mais cavada) servida numa travessa,
Não sou profeta — mas isso pouco importa;
Percebi quando titubeou minha grandeza,
E vi o eterno Lacaio a reprimir o riso, tendo nas mãos meu sobretudo.
Enfim, tive medo.

¹ Dante Alighieri. *La Divina Commedia*, Inferno, XXVII, 61-66 (N. do T.) ["Se eu acreditasse que responderia / a pessoa que voltar pudesse ao mundo, / esta chama não mais se moveria; // mas pois que nunca, deste poço fundo, / alguém vivo voltou, se não me engano, / já sem temor de infâmia te secundo." (tradução de Italo Eugênio Mauro).]

E valeria a pena, afinal,
 Após as chávenas, a geleia, o chá,
 Entre porcelanas e algumas palavras que disseste,
 Teria valido a pena
 Cortar o assunto com um sorriso,
 Comprimir todo o universo numa bola
 E arremessá-la ao vértice de uma suprema indagação,
 Dizer: "Sou Lázaro, venho de entre os mortos,
 Retorno para tudo vos contar, tudo vos contarei."
 – Se alguém, ao colocar sob a cabeça um travesseiro,
 Dissesse: "Não é absolutamente isso o que quis dizer
 Não é nada disso, em absoluto."

E valeria a pena, afinal,
 Teria valido a pena,
 Após os poentes, as ruas e os quintais polvilhados de rocío,
 Após as novelas, as chávenas de chá, após
 O arrastar das saias no assoalho
 – Tudo isso, e tanto mais ainda? –
 Impossível exprimir exatamente o que penso!
 Mas se uma lanterna mágica projetasse
 Na tela os nervos em retalhos ...
 Teria valido a pena,
 Se alguém, ao colocar um travesseiro ou ao tirar seu xale às pressas,
 E ao voltar em direção à janela, dissesse:
 "Não é absolutamente isso,
 Não é isso o que quis dizer, em absoluto."

Não! Não sou o Príncipe Hamlet, nem pretendi sê-lo.
 Sou um lorde assistente, o que tudo fará
 Por ver surgir algum progresso, iniciar uma ou duas cenas,
 Aconselhar o príncipe; enfim, um instrumento de fácil manuseio,
 Respeitoso, contente de ser útil,
 Político, prudente e meticuloso;
 Cheio de máximas e aforismos, mas algo obtuso;
 Às vezes, de fato, quase ridículo
 Quase o Idiota, às vezes.

Envelheci ... envelheci ...
 Andarei com os fundilhos das calças amarrotados.

Repartirei ao meio meus cabelos? Ousarei comer um pêssego?
 Vestirei brancas calças de flanela, e pelas praias andarei.
 Ouvi cantar as sereias, umas para as outras.

Não creio que um dia elas cantem para mim.

Vi-as cavalgando rumo ao largo,
 A pentear as brancas crinas das ondas que refluem
 Quando o vento um claro-escuro abre nas águas.

Tardamos nas câmaras do mar
 Junto às ondinas com sua grinalda de algas rubras e castanhas
 Até sermos acordados por vozes humanas. E nos afogarmos.

(1915)

(T. S. Eliot. *Obra Completa*. Vol. 1 Poesia. Trad., introdução e notas Ivan Junqueira. São Paulo: Arx, 2004, pp. 48-57.)

“O fragmentarismo permaneceu como uma característica da lírica moderna. Manifesta-se, sobretudo, num processo que tira fragmentos do mundo real e os reelabora muitas vezes em si mesmos, cuidando, porém, que suas superfícies de fratura não se ajustem mais. Em tais poesias, o mundo real aparece atravessado por linhas confusas de fraturas profundas – e não é mais real. / Chegamos, assim, a T. S. Eliot. [...] A linguagem passa, sempre de forma imprevisível, às mais diversas modulações: relato de poucas palavras, melancolia, contemplação, melodia aflautada, às vezes também o estilo patético e então de novo ironia, sarcasmo, tom descuidado de conversação.” (Hugo Friedrich. *Estrutura da Lírica Moderna*. Trad. Marise M. Curioni. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1991, p. 198.)

The Waste Land

I. The Burial of the Dead

[...]
 Unreal City,
 Under the brown fog of a winter dawn,
 A crowd flowed over London Bridge, so many,
 I had not thought death had undone so many.
 Sighs, short and infrequent, were exhaled,
 And each man fixed his eyes before his feet.
 Flowed up the hill and down King William Street,
 To where Saint Mary Woolnoth kept the hours
 With a dead sound on the final stroke of nine.
 There I saw one I knew, and stopped him, crying “Stetson!
 You who were with me in the ships at Mylae!
 That corpse you planted last year in your garden,
 Has it begun to sprout? Will it bloom this year?
 Or has the sudden frost disturbed its bed?
 Oh keep the Dog far hence, that’s friend to men,
 Or with his nails he’ll dig it up again!
 You! hypocrite lecteur! – mon semblable, – mon frère!”

(1922)

A Terra Desolada

[fragmento]

I. O enterro dos mortos

[...]
 Cidade irreal,
 Sob a fulva neblina de uma aurora de inverno,
 Fluía a multidão pela Ponte de Londres, eram tantos,
 Jamais pensei que a morte a tantos destruiria.
 Breves e entrecortados, os suspiros exalavam,
 E cada homem fincava o olhar adiante de seus pés.
 Galgava a colina e percorria a King William Street,
 Até onde Saint Mary Woolnoth marcava as horas
 Com um dobre surdo ao fim da nona badalada.
 Vi alguém que conhecia, e o fiz parar, aos gritos: “Stetson,
 Tu que estiveste comigo nas galeras de Mylae!
 O cadáver que plantaste ano passado em teu jardim
 Já começou a brotar? Dará flores este ano?
 Ou foi a imprevisível geada que o perturbou em seu leito?
 Conserva o Cão à distância, esse amigo do homem,
 Ou ele virá com suas unhas outra vez desenterrá-lo!
 Tu! Hypocrite lecteur! – mon semblable –, mon frère!”

(T. S. Eliot. *Obra Completa*. Vol. 1 Poesia. Trad., introdução e notas Ivan Junqueira. São Paulo: Arx, 2004, pp. 140-142.)

“Só podemos afirmar ser provável que os poetas em nossa civilização, como ocorre no presente, devem ser *diffceis*. Nossa civilização envolve grande variedade e complexidade, e estas, se tocarem uma sensibilidade refinada, devem produzir vários e complexos resultados. O poeta deve tornar-se cada vez mais abrangente, mais alusivo, mais indireto, no sentido de violentar – de deslocar, se necessário – a linguagem em seu significado.” (T. S. Eliot. “Os poetas metafísicos”. In: *Ensaio*. Trad. Ivan Junqueira. São Paulo: Art, 1989, p. 123.)

“A Capital do século XIX, que na obra de Baudelaire é um lugar bem determinado, uma cidade alegórica, mas também inteiramente realista, no século seguinte se tornará a ‘terra desolada’ de Eliot. Nesse ponto, um processo se completou, e Eliot, como se sabe, sempre tende a ver as coisas com grandiosidade – até demais –, em termos de crise da civilização racionalista e individualista e de retorno a uma reinventada Idade Média cristã.” (Alfonso Berardinelli. “Cosmopolitismo e provincianismo na poesia moderna”. In: *Da Poesia à Prosa*. Org. Maria Betânia Amoroso. Trad. Marcos Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 69.)

The hollow men

I
We are the hollow men
We are the stuffed men
Leaning together
Headpiece filled with straw. Alas!
Our dried voices, when
We whisper together
Are quiet and meaningless
As wind in dry grass
Or rats' feet over broken glass
In our dry cellar

Shape without form, shade without colour,
Paralysed force, gesture without motion;

Those who have crossed
With direct eyes, to death's other Kingdom
Remember us — if at all — not as lost
Violent souls, but only
As the hollow men
The stuffed men.

II
Eyes I dare not meet in dreams
In death's dream kingdom
These do not appear:
There, the eyes are
Sunlight on a broken column
There, is a tree swinging
And voices are
In the wind's singing
More distant and more solemn
Than a fading star.

Let me be no nearer
In death's dream kingdom
Let me also wear
Such deliberate disguises
Rat's coat, crowskin, crossed staves
In a field
Behaving as the wind behaves
No nearer-

Not that final meeting
In the twilight kingdom

(1925)

Os homens ociosos [fragmento]

I
Nós somos os homens ociosos
Os homens empalhados
Uns nos outros amparados
O elmo cheio de nada. Ai de nós!
Nossas vozes dessecadas,
Quando juntos sussurramos,
São quietas e inexpressivas
Como o vento na relva seca
Os pés de ratos sobre cacos
Em nossa adega evaporada

Fôrma sem forma, sombra sem cor,
Força paralisada, gesto sem vigor;

Aqueles que atravessaram
De olhos retos, para o outro reino da morte
Nos recordam — se o fazem — não como violentas
Almas danadas, mas apenas
Como os homens ociosos
Os homens empalhados.

II
Os olhos que temo encontrar em sonhos
No reino de sonho da morte
Estes não aparecem:
Lá, os olhos são como a lâmina
Do sol nos ossos de uma coluna
Lá, uma árvore brande os ramos
E as vozes estão no frêmito
Do vento que está cantando
Mais distantes e solenes
Que uma estrela agonizante.

Que eu demais não me aproxime
Do reino de sonho da morte
Que eu possa trajar ainda
Esses tácitos disfarces
Pele de rato, plumas de corvo, estacas cruzadas
E comportar-me num campo
Como o vento se comporta
Nem mais um passo

— Não este encontro derradeiro
No reino crepuscular

(T. S. Eliot. *Obra Completa*. Vol. 1 Poesia. Trad.,
introdução e notas Ivan Junqueira. São Paulo: Arx,
2004, pp. 176-179.)

Wallace Stevens

(EUA, 1879-1975)

Tattoo

The light is like a spider.
It crawls over the water.
It crawls over the edges of the snow.
It crawls under your eyelids
And spreads its webs there —
Its two webs.

The webs of your eyes
Are fastened
To the flesh and bones of you
As to rafters or grass.

There are filaments of your eyes
On the surface of the water
And in the edges of the snow.

(1916)

Tatuagem

A luz é como aranha.
Oscila sobre a água.
Oscila sobre os ângulos da neve.
Oscila sob tuas pálpebras
E estende aí as teias —
As duas teias.

As teias de teus olhos
Estão costuradas
À carne e aos ossos teus
Como à grama ou às vigas.

Há filamentos de teus olhos
À tona da água
E nos ângulos da neve.

(Augusto de Campos. *Poesia da Recusa*. São Paulo:
Perspectiva, 2006, pp. 274-275.)

César Vallejo

(Peru, 1892-1938)

Los heraldos negros

Hay golpes en la vida tan fuertes... Yo no sé!
Golpes como del odio de Dios; como si ante ellos,
la resaca de todo lo sufrido
se empozara en el alma... Yo no sé!

Son pocos, pero son... Abren zanjas oscuras
en el rostro más fiero y en el lomo más fuerte.
Serán tal vez los potros de bárbaros atilas;
o los heraldos negros que nos manda la Muerte.

Son las caídas hondas de los Cristos del alma,
de alguna fe adorable que el Destino blasfema.
Esos golpes sangrientos son las crepitaciones
de algún pan que en la puerta del horno se nos quema.

Y el hombre... Pobre... pobre! Vuelve los ojos, como
cuando por sobre el hombro nos llama una palmada;
vuelve los ojos locos, y todo lo vivido
se empoza, como charco de culpa, en la mirada.

Hay golpes en la vida, tan fuertes... Yo no sé!

(*Los Heraldos Negros*, 1918)

Rosa Blanca

Me siento bien. Ahora
brilla un estoico hielo
en mí.
Me da risa esta soga
rubi
que rechina en mi cuerpo.

Soga sin fin,
como una
voluta
descendente
de
mal...
soga sanguínea y zurda
formada de
mil dagas en puntal.

Que vaya así, trenzando
sus rollos de crespón;
y que ate el gato trémulo
del Miedo al nido helado,
al último fogón.

Yo ahora estoy sereno,
con luz.
Y maya en mi Pacífico
un náufrago ataúd.

(*Los Heraldos Negros*, 1918)

Os arautos negros

Há golpes na vida, tão fortes... Eu não sei!
Golpes como do ódio de Deus; como se diante deles
a ressaca de todo o sofrimento
se empoçasse na alma... Eu não sei!

São poucos; mas são... Abrem fendas escuras
no rosto mais fero e no dorso mais forte.
Serão talvez os potros de bárbaros atilas;
ou os arautos negros que nos manda a Morte.

São as quedas profundas dos Cristos da alma,
de alguma fé adorável que o Destino blasfema.
Esses golpes sangrentos são as crepitações
de algum pão que se queima na boca do forno.

E o homem... Pobre... pobre! Volta os olhos, como
quando alguém bate as mãos por trás de nós;
vira os olhos loucos, e tudo que foi vivido
se empoça, como charco de culpa, no olhar.

Há golpes na vida, tão fortes... Eu não sei!

(César Vallejo. *Poesia Completa*. Trad. Thiago de Mello. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984, p. 39.)

Rosa branca

Sinto-me bem. Agora
brilha um estoico gelo
em mim.
Causa riso este açoite
rubi
que rechina em meu corpo.

Sirga sem fim,
feito uma
voluta
descendente
de
mal...
sirga sanguínea e esquerda
formada por
mil lascas em pontal.

Que siga assim, trançando
seus rolos de crespom;
e que ate o gato trémulo
do Medo ao ninho em enve,
ao último fogão.

Eu agora estou sereno,
com luz.
E mia em meu Pacífico
um náufrago ataúde.

(César Vallejo. *A Dedo*. Trad. Amálio Pinheiro. São Paulo: Arte Pau-Brasil, 1988, pp. 24-25.)

Domination of Black

At night, by the fire,
The colors of the bushes
And of the fallen leaves,
Repeating themselves,
Turned in the room,
Like the leaves themselves
Turning in the wind.
Yes: but the color of the heavy hemlocks
Came striding.
And I remembered the cry of the peacocks.

The colors of their tails
Were like the leaves themselves
Turning in the wind,
In the twilight wind.
They swept over the room,
Just as they flew from the boughs of the hemlocks
Down to the ground.
I heard them cry - the peacocks.
Was it a cry against the twilight
Or against the leaves themselves
Turning in the wind,
Turning as the flames
Turned in the fire,
Turning as the tails of the peacocks
Turned in the loud fire,
Loud as the hemlocks
Full of the cry of the peacocks?
Or was it a cry against the hemlocks?

Out of the window,
I saw how the planets gathered
Like the leaves themselves
Turning in the wind.
I saw how the night came,
Came striding like the color of the heavy hemlocks
I felt afraid.
And I remembered the cry of the peacocks.

(1916)

Predomínio do negro

À noite, perto do fogo,
As cores dos arbustos
E das folhas caídas,
Repetindo a si mesmas,
Revolviam-se na sala,
Como as folhas mesmas
Revoltas ao vento.
Sim: mas a cor da cicuta, pesada em seus padrões
Superou tudo.
E me lembrei do grito dos pavões.

As cores de suas caudas
Eram como as folhas mesmas
Revoltas ao vento,
Ao vento do crepúsculo.
Elas varreram a sala
Como caíram dos ramos da cicuta
Até o chão.
E ouvi gritarem... os pavões.
Seria o grito contra o crepúsculo
Ou contra as folhas mesmas
Que se revolvem ao vento,
Que se revolvem como as chamas
Que se revolvem no fogo,
Revoltas como as caudas dos pavões
Que se revolvem ao fogo ruidoso,
Ruidoso como a cicuta
Plena do grito dos pavões que escuta?
Ou era um grito só contra a cicuta?

Do lado de fora da janela
Vi os planetas que se concentravam
Como as folhas mesmas
Revoltas ao vento.
Vi como chegava a noite,
A tudo superando, como a cor da cicuta em seus
padrões
E senti medo.
E me lembrei do grito dos pavões.

(*Antologia da Nova Poesia Norte-Americana*. Sel., trad. e notas de Jorge Wanderley. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992, pp. 106-109.) [Foi corrigido erro de transcrição.]

Federico García Lorca

(Espanha, 1898-1936)

Romance sonámbulo

A Gloria Giner
y Fernando de los Ríos

Verde que te quiero verde.
Verde viento. Verdes ramas.
El barco sobre la mar
y el caballo en la montaña.
Con la sombra en la cintura
ella sueña en su baranda,
verde carne, pelo verde,
con ojos de fría plata.
Verde que te quiero verde.
Bajo la luna gitana,
las cosas la están mirando
y ella no puede mirarlas.

*

Verde que te quiero verde.
Grandes estrellas de escarcha,
vienen con el pez de sombra
que abre el camino del alba.
La higuera frota su viento
con la lija de sus ramas,
y el monte, gato guarduño,
eriza sus pitas agrias.
¿Pero quién vendrá? ¿Y por dónde...?
Ella sigue en su baranda,
verde carne, pelo verde,
soñando en la mar amarga.

*

Compadre, quiero cambiar
mi caballo por su casa,
mi montura por su espejo,
mi cuchillo por su manta.
Compadre, vengo sangrando,
desde los puertos de Cabra.
Si yo pudiera, mocito,
este trato se cerraba.
Pero yo ya no soy yo,
ni mi casa es ya mi casa.
Compadre, quiero morir,
decentemente en mi cama.
De acero, si puede ser,
con las sábanas de holanda.
¿No ves la herida que tengo
desde el pecho a la garganta?
Trescientas rosas morenas
lleva tu pechera blanca.
Tu sangre rezuma y huele
alrededor de tu faja.
Pero yo ya no soy yo,
ni mi casa es ya mi casa.
Dejadme subir al menos

Romance sonámbulo

A Gloria Giner
e Fernando de los Ríos

Verde que te quero verde.
Verde vento. Verdes ramas.
O barco vai sobre o mar
e o cavalo na montanha.
Com a sombra na cintura
sonha ela em sua sacada,
verde carne, fios verdes,
com olhos de fria prata.
Verde que te quero verde.
Sob uma lua cigana,
as coisas estão olhando-a
e ela não pode olhá-las.

*

Verde que te quero verde.
Grandes estrelas de geada,
vêm com o peixe de sombra
que abre o caminho da alva.
Seu vento a figueira roça
com lixa de suas ramas,
e o monte, gato gatuno,
erica as piteiras agras.
Mas quem virá? E por onde?...
Ela segue na sacada,
verde carne, fios verdes,
sonhando em águas amargas.

*

Compadre, quero trocar
meu cavalo por sua casa,
o arreo por seu espelho,
minha faca por sua manta.
Compadre, venho sangrando
de lá dos portos de Cabra.
Se eu pudesse, mocinho,
esse negócio eu fechava.
Porém eu já não sou eu,
nem a casa é minha casa.
Compadre, quero morrer
dignamente em minha cama.
De aço, se possível for,
com lençóis de Holanda.
Não vês a chaga que tenho
do peito até a garganta?
Trezentas rosas morenas
teu branco petilho guarda.
Teu sangue exala e transpira
ao redor de tua faixa.
Porém eu já não sou eu,
nem a casa é minha casa.
Deixai-me subir ao menos

hasta las altas barandas,
¡dejadme subir!, dejadme
hasta las verdes barandas.
Barandales de la luna
por donde retumba el agua.

*

Ya suben los dos compadres
hacia las altas barandas.
Dejando un rastro de sangre.
Dejando un rastro de lágrimas.
Temblaban en los tejados
farolillos de hojalata.
Mil panderos de cristal
herían la madrugada.

*

Verde que te quiero verde,
verde viento, verdes ramas.
Los dos compadres subieron.
El largo viento dejaba
en la boca un raro gusto
de hiel, de menta y de albahaca.
¡Compadre! ¿Dónde está, dime?
¿Dónde está tu niña amarga?
¡Cuántas veces te esperó!
¡Cuántas veces te esperara,
cara fresca, negro pelo,
en esta verde baranda!

*

Sobre el rostro del aljibe
se mecía la gitana.
Verde carne, pelo verde,
con ojos de fría plata.
Un carámbano de luna
la sostiene sobre el agua.
La noche se puso íntima
como una pequeña plaza.
Guardias civiles borrachos
en la puerta golpeaban.
Verde que te quiero verde,
verde viento, verdes ramas.
El barco sobre la mar.
Y el caballo en la montaña.

(*Romancero Gitano*, 1924-1927)

até às altas sacadas.
deixai-me subir!, deixai-me
até as verdes sacadas.
Os parapeitos da lua
por onde retumba a água.

*

Já sobem os dois compadres
até às altas sacadas.
Deixando um rastro de sangue.
Deixando um rastro de lágrimas.
Tremulavam nos telhados
lamparinhas de lata.
Mil pandeiros de cristal
feriam a madrugada.

*

Verde que te quero verde,
verde vento, verdes ramas.
Os dois compadres subiram.
O longo vento deixava
na boca um gosto incommum
de fel, de menta e alfavaca.
Compadre! Onde está, dize-me?
Onde, tua filha amarga?
Quantas vezes te esperou!
Quantas vezes te esperara,
rosto fresco, negros fios,
cá nesta verde sacada!

*

Sobre o rosto da cisterna
balançava-se a cigana.
Verde cama, fios verdes,
com olhos de fria prata.
Há um sincelo de lua
a sustê-la sobre a água.
A noite tornou-se íntima
como uma pequena praça.
Guardas-civis embriagados
na porta davam pancadas.
Verde que te quero verde.
Verde vento. Verdes ramas.
O barco vai sobre o mar.
E o cavalo na montanha.

(Federico García Lorca. *Romancero Cigano*. Trad. e introdução Fábio Aristimunho Vargas. São Paulo: Hedra, 2011, pp. 38-45.)

“Romance sonámbulo. Narra a trágica espera de uma cigana por seu amado, no alto de uma sacada, e quando este retorna, gravemente ferido, ela já havia morrido de desespero, afogando-se na água de uma cisterna. / O diálogo travado na segunda estrofe, em que o ‘mocinho’ propõe trocar elementos de sua realidade juvenil (cavalo, arreo, faca, vir sangrando dos portos de Cabra) por elementos da realidade adulta do compadre (casa, espelho, manta), simboliza o desejo de transição do jovem cavaleiro, que ao que parece se dedica ao contrabando, para uma vida mais sedentária. Pode-se deduzir que o compadre é o pai da cigana.” (Nota de Fábio Aristimunho Vargas, in: Lorca. *Romancero Cigano*. São Paulo: Hedra, 2011, p. 140.)

Panorama cego de Nova York

Se não são os pássaros
cobertos de cinza,
se não são os gemidos que golpeiam as janelas da boda,
serão as delicadas criaturas do ar
que manam o sangue novo pela escuridão inextinguível.
Mas não, não são os pássaros,
porque os pássaros estão prestes a ser bois;
podem ser rochas brancas com a ajuda da lua
e são sempre rapazes feridos
antes que os juízes revelem a teia.

Todos compreendem a dor que se relaciona com a morte,
mas a verdadeira dor não está presente no espírito.
Não está no ar nem em nossa vida,
nem nestes terraços cheios de fumaça.
A verdadeira dor que mantém despertas as coisas
é uma pequena queimadura infinita
nos olhos inocentes dos outros sistemas.

Um traje abandonado pesa tanto nos ombros
que muitas vezes o céu os agrupa em áspers manadas.
E as que morrem de parto sabem na última hora
que todo rumor será pedra e toda pegada latido.
Nós ignoramos que o pensamento tem arrabaldes
onde o filósofo é devorado pelos chineses e larvas.
E alguns meninos idiotas encontraram pelas cozinhas
pequenas andorinhas com muletas
que sabiam pronunciar a palavra amor,
Não, não são os pássaros.
Não é um pássaro o que expressa a turva febre da laguna,
nem a ânsia de assassinio que nos oprime a cada momento,
nem o metálico rumor de suicídio que nos anima a cada madrugada.
É uma cápsula de ar onde nos dói o mundo todo,
é um pequeno espaço vivo ao louco unísono da luz,
é uma escada indefinível onde as nuvens e rosas olvidam
à gritaria chinesa que ferve no desembarcadouro do sangue.
Eu muitas vezes me perdi
para buscar a queimadura que mantém despertas as coisas
e só encontrei marinheiros atirados sobre as varandilhas
e pequenas criaturas do céu enterradas sob a neve.
Mas a verdadeira dor estava em outras praças
onde os peixes cristalizados agonizavam dentro dos troncos;
praças do céu estranho para as antigas estátuas ílesas
e para a terna intimidade dos vulcões.

Não há dor na voz. Só existem os dentes,
mas dentes que calarão isolados pelo raso negro.
Não há dor na voz. Aqui só existe a Terra.
A terra com suas portas de sempre
que levam ao rubor dos frutos.

(*Poeta en Nueva York / Poeta em Nova York, 1929-1930*)

(Federico García Lorca. *Obra Poética Completa*. Trad. William Agel de Mello. São Paulo: Imprensa Oficial; Brasília: UnB, 2004, pp. 448-451.)

Bertolt Brecht

(Alemanha, 1898-1956)

Verwisch die Spuren

Trenne dich von deinen Kameraden auf dem Bahnhof
Gehe am Morgen in die Stadt mit zugeknöpfter Jacke
Suche dir Quartier, und wenn dein Kamerad anklopft:
Öffne, oh, öffne die Tür nicht
Sondern
Verwisch die Spuren!

Wenn du deinen Eltern begegnest in der Stadt Hamburg
oder sonstwo
Gehe an ihnen fremd vorbei, biege um die Ecke, erkenne
sie nicht
Zieh den Hut ins Gesicht, den sie dir schenkten
Zeige, oh, zeige dein Gesicht nicht
Sondern
Verwisch die Spuren!

Iß das Fleisch, das da ist! Spare nicht!
Gehe in jedes Haus, wenn es regnet, und setze dich auf
jeden Stuhl, der da ist
Aber bleibe nicht sitzen! Und vergiß deinen Hut nicht!
Ich sage dir:
Verwisch die Spuren!

Was immer du sagst, sag es nicht zweimal
Findest du deinen Gedanken bei einem andern: verleugne
ihn.
Wer seine Unterschrift nicht gegeben hat, wer kein Bild
hinterließ
Wer nicht dabei war, wer nichts gesagt hat
Wie soll der zu fassen sein!
Verwisch die Spuren!

Sorge, wenn du zu sterben gedenkst
Daß kein Grabmal steht und verrät, wo du liegst
Mit einer deutlichen Schrift, die dich anzeigt
Und dem Jahr deines Todes, das dich überführt!
Noch einmal:
Verwisch die Spuren!

Das wurde mir gelehrt.

(1926)

Apague as pegadas

Separe-se de seus amigos na estação
De manhã vá à cidade com o casaco abotoado
Procure alojamento, e quando seu camarada bater:
Não, oh, não abra a porta
Mas sim
Apague as pegadas!

Se encontrar seus pais na cidade de Hamburgo ou em
outro lugar
Passe por eles como um estranho, vire na esquina, não os
reconheça
Abaxe sobre o rosto o chapéu que eles lhe deram
Não, oh, não mostre seu rosto
Mas sim
Apague as pegadas!

Coma a carne que aí está. Não poupe.
Entre em qualquer casa quando chover, sente em qualquer
cadeira
Mas não permaneça sentado. E não esqueça seu chapéu.
Estou lhe dizendo:
Apague as pegadas!

O que você disser, não diga duas vezes.
Encontrando o seu pensamento em outra pessoa: negue-o.
Quem não escreveu sua assinatura, quem não deixou
retrato
Quem não estava presente, quem nada falou
Como poderão apanhá-lo?
Apague as pegadas!

Cuide, quando pensar em morrer
Para que não haja sepultura revelando onde jaz
Com uma clara inscrição a lhe denunciar
E o ano de sua morte a lhe entregar
Mais uma vez:
Apague as pegadas!

(Assim me foi ensinado.)

(Bertolt Brecht. *Poemas 1913-1956*. Trad. Paulo César de Souza. 5ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2000, p. 57-58.)

Schlechte Zeit für Lyrik

Ich weiß doch: nur der Glückliche
Ist beliebt. Seine Stimme
Hört man gern. Sein Gesicht ist schön.

Der verkrüppelte Baum im Hof
Zeigt auf den schlechten Boden, aber
Die Vorübergehenden schimpfen ihn einen Krüppel
Doch mit Recht.

Die grünen Boote und die lustigen Segel des Sundes
Sehe ich nicht. Von allem

Sehe ich nur der Fischer rissiges Garnnetz.
Warum rede ich nur davon
Daß die vierzigjährige Häuslerin gekrümmt geht?
Die Brüste der Mädchen
Sind warm wie ehedem.

In meinem Lied ein Reim
Käme mir fast vor wie Übermut.

In mir streiten sich
Die Begeisterung über den blühenden Apfelbaum
Und das Entsetzen über die Reden des Anstreichers.
Aber nur das zweite
Drängt mich zum Schreibtisch.

Mau tempo para a poesia

Sim, eu sei: só o homem feliz
É querido. Sua voz
É ouvida com prazer. Seu rosto é belo.

A árvore aleijada no quintal
Indica o solo pobre, mas
Os passantes a maltratam por ser um aleijão
E estão certos.

Os barcos verdes e as velas alegres da baía
Eu não enxergo. De tudo

Vejo apenas a rede partida dos pescadores.
Por que falo apenas
Da camponesa de quarenta anos que anda curvada?
Os seios das meninas
São quentes como sempre.

Em minha canção uma rima
Me pareceria quase uma insolência.

Em mim lutam
O entusiasmo pela macieira que floresce
E o horror pelos discursos do pintor.
Mas apenas o segundo
Me conduz à escritaninha.

(Bertolt Brecht. *Poemas 1913-1956*. Trad. Paulo César de Souza.
5ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2000, p. 226.)

Aos que vão nascer [An die Nachgeborenen]

I

É verdade, eu vivo em tempos negros.
Palavra inocente é tolice. Uma testa sem rugas
Indica insensibilidade. Aquele que ri
Apenas não recebeu ainda
A terrível notícia.

Que tempos são esses, em que
Falar de árvores é quase um crime
Pois implica silenciar sobre tantas barbaridades?
Aquele que atravessa a rua tranquilo
Não está mais ao alcance de seus amigos
Necessitados?

Sim, ainda ganho meu sustento
Mas acreditem: é puro acaso. Nada do que faço
Me dá direito a comer a fartar.
Por acaso fui poupado. (Se minha sorte acaba, estou perdido.)

As pessoas me dizem: Coma e beba! Alegre-se porque tem!
Mas como posso comer e beber, se
Tiro o que como ao que tem fome
E meu copo d'água falta ao que tem sede?
E no entanto eu como e bebo.

Eu bem gostaria de ser sábio.
Nos velhos livros se encontra o que é sabedoria:
Manter-se afastado da luta do mundo e a vida breve
Levar sem medo
E passar sem violência
Pagar o mal com o bem
Não satisfazer os desejos, mas esquecê-los
Isto é sábio.
Nada disso sei fazer:
É verdade, eu vivo em tempos negros.

II

À cidade cheguei em tempo de desordem
Quando reinava a fome.
Entre os homens cheguei em tempo de tumulto
E me revoltei junto com eles.
Assim passou o tempo
Que sobre a terra me foi dado.

A comida comi entre as batalhas
Deitei-me para dormir entre os assassinos
Do amor cuidei displicente
E impaciente contemplei a natureza.
Assim passou o tempo
Que sobre a terra me foi dado.

As ruas de meu tempo conduziam ao pântano.
A linguagem denunciou-me ao carrasco.
Eu pouco podia fazer. Mas os que estavam por cima
Estariam melhor sem mim, disso tive esperança.
Assim passou o tempo
Que sobre a terra me foi dado.

As forças eram mínimas. A meta
Estava bem distante.
Era bem visível, embora para mim
Quase inatingível.
Assim passou o tempo
Que nesta terra me foi dado.

III

Vocês, que emergirão do dilúvio
Em que afundamos
Pensem
Quando falarem de nossas fraquezas
Também nos tempos negros
De que escaparam.
Andávamos então, trocando de países como de sandálias
Através das lutas de classes, desesperados
Quando havia só injustiça e nenhuma revolta.

Entretanto sabemos:
Também o ódio à baixeza
Deforma as feições.
Também a ira pela injustiça
Torna a voz rouca. Ah, e nós
Que queríamos preparar o chão para o amor
Não pudemos nós mesmos ser amigos.

Mas vocês, quando chegar o momento
Do homem ser parceiro do homem
Pensem em nós
Com simpatia.

(c. 1938)

(Bertolt Brecht. *Poemas 1913-1956*. Trad. Paulo César de Souza. 5ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2000, pp. 212-214.)

Giuseppe Ungaretti

(Itália, 1888-1970)

Tutto ho perduto

Tutto ho perduto dell'infanzia
E non potrò mai più
Smemorarmi in un grido.

L'infanzia ho sotterrato
Nel fondo delle notti
E ora, spada invisibile,
Mi separa da tutto.

Di me rammento che esultavo amandoti,
Ed eccomi perduto
In infinito delle notti.

Disperazione che incessante aumenta
La vita non mi è più,
Arrestata in fondo alla gola,
Che una roccia di gridi.

(1937)

Non gridate più

Cessate d'uccidere i morti,
Non gridate più, non gridate
Se li volete ancora udire,
Se sperate di non perire.

Hanno l'impercettibile sussurro,
Non fanno più rumore
Del crescere dell'erba,
Lieta dove non passa l'uomo.

(1942/1946)

Tudo Perdi

Tudo perdi da infância
e já não posso mais
desmemorar-me num grito.

A infância soterrei
no fundo das noites
e agora, espada invisível,
me separa de tudo.

De mim recorde que exultava amando-te,
e eis-me perdido
no infinito das noites.

Um desespero que incessante aumenta
a vida não me é mais,
presa no fundo da garganta,
que uma rocha de gritos.

(*Poesia do Século XX*. Antologia, trad., prefácio e notas de Jorge de Sena. Porto: Inova, 1978.)

Não griteis mais

Cessai de matar os mortos
não griteis mais, não griteis
se os quereis ainda ouvir,
se esperais não perecer.

Seu o imperceptível sussurro,
não fazem mais rumor
que o crescer da erva,
feliz onde não passa o homem.

(*Poesia do Século XX*. Antologia, trad., prefácio e notas de Jorge de Sena. Porto: Inova, 1978.)

W. H. Auden
(Inglaterra, 1907-1973)

Lullaby

Lay your sleeping head, my love,
Human on my faithless arm;
Time and fevers burn away
Individual beauty from
Thoughtful children, and the grave
Proves the child ephemeral:
But in my arms till break of day
Let the living creature lie,
Mortal, guilty, but to me
The entirely beautiful.

Soul and body have no bounds:
To lovers as they lie upon
Her tolerant enchanted slope
In their ordinary swoon,
Grave the vision Venus sends
Of supernatural sympathy,
Universal love and hope;
While an abstract insight wakes
Among the glaciers and the rocks
The hermit's carnal ecstasy.

Certainty, fidelity
On the stroke of midnight pass
Like vibrations of a bell
And fashionable madmen raise
Their pedantic boring cry:
Every farthing of the cost,
All the dreaded cards foretell,
Shall be paid, but from this night
Not a whisper, not a thought,
Not a kiss nor look be lost.

Beauty, midnight, vision dies:
Let the winds of dawn that blow
Softly round your dreaming head
Such a day of welcome show
Eye and knocking heart may bless,
Find our mortal world enough;
Noons of dryness find you fed
By the involuntary powers,
Nights of insult let you pass
Watched by every human love.

(January 1937)

Acalanto

Pousa, amor, a cabeça sonolenta,
Humana sobre o meu braço inconstante;
A beleza das crianças pensativas
Tempo e febres consomem lentamente
E cabe à tumba mostrar quão efêmeras
Essas mesmas crianças vêm a ser:
Mas que em meu braço, até que nasça o dia,
Possa repousar a viva criatura,
Mortal e culpada, e, no entanto, para
Mim a coisa mais bela de se ver.

Nem a alma nem o corpo têm amarras:
Para os amantes, quando eles se deitam
No seu declive indulgente e encantado,
Tomados da languidez costumeira,
Intensa é a visão que Vênus manda
De uma simpatia sobrenatural,
De esperança e amor generalizado;
Enquanto uma abstrata intuição desperta,
No meio das geleiras e das pedras,
Do eremita o êxtase carnal.

Certeza e fidelidade se estiolam
Quando bate meia-noite o relógio
Como se fossem vibrações de um sino,
E lançam seu pedante palavrório,
Aos gritos, os delirantes em voga:
Os últimos centavos a pagar
– Assim o prevê o baralho mofino –
Serão saldados; porém, desta noite,
Que não se perca nenhum pensamento,
Nenhum suspiro, nenhum beijo ou olhar.

A beleza, a meia-noite e a visão morrem:
Deixa os ventos do amanhecer, que sopram
Suaves em tua sonhadora cabeça,
Exibirem um dia de tal forma
Propício que o olho e o coração o saúdem,
Satisfeitos com o mundo mortal;
Quer a secura meridiana te veja
Nutrida pela força involuntária
E permita-te ir a noite adversária
Guardada pelo amor universal.

(W. H. Auden. *Poemas*. Trad. José Paulo Paes e João Moura Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, pp. 44-45. [Trad. João Moura Jr.]

Funeral Blues

Stop all the clocks, cut off the telephone,
Prevent the dog from barking with a juicy bone,
Silence the pianos and with muffled drum
Bring out the coffin, let the mourners come.

Let aeroplanes circle moaning overhead
Scribbling on the sky the message 'He is Dead'.
Put crepe bows round the white necks of the public doves,
Let the traffic policemen wear black cotton gloves.

He was my North, my South, my East and West,
My working week and my Sunday rest,
My noon, my midnight, my talk, my song;
I thought that love would last forever: I was wrong.

The stars are not wanted now; put out every one,
Pack up the moon and dismantle the sun,
Pour away the ocean and sweep up the woods;
For nothing now can ever come to any good.

(*Twelve Songs*, 1940)

Blues fúnebres

Que parem os relógios, cale o telefone,
jogue-se ao cão um osso e que não ladre mais,
que emudeça o piano e que o tambor sancione
a vinda do caixão com seu cortejo atrás.

Que os aviões, gemendo acima em alvoroço,
escrevam contra o céu o anúncio: ele morreu.
Que as pombas guardem luto — um laço no pescoço —
e os guardas usem finas luvas cor-de-breú.

Era meu norte, sul, meu leste, oeste, enquanto
viveu, meus dias úteis, meu fim-de-semana,
meu meio-dia, meia-noite, fala e canto;
quem julgue o amor eterno, como eu fiz, se engana.

É hora de apagar estrelas — são molestas —
guardar a lua, desmontar o sol brilhante,
de despejar o mar, jogar fora as florestas,
pois nada mais há de dar certo doravante.

(Nelson Ascher. *Poesia Alheia*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, pp. 128-129.)

Paul Celan

(Romênia, 1920-1970)

Fuga da morte [Todesfuge]

Leite negro da madrugada nós o bebemos de noite
nós o bebemos ao meio-dia e de manhã nós o bebemos de noite
nós o bebemos bebemos
cavamos um túmulo nos ares lá não se jaz apertado
Um homem mora na casa bole com cobras escreve
escreve para a Alemanha quando escurece teu cabelo de ouro Margarete
escreve e se planta diante da casa e as estrelas faíscam ele assobia para os seus mastins assobia para os seus
judeus manda cavar um túmulo na terra
ordena-nos agora que toquem seus violinos para dançar

Leite negro da madrugada nós te bebemos de noite
nós te bebemos de manhã e ao meio-dia nós te bebemos de noite
nós bebemos bebemos

um homem mora na casa bole com cobras escreve
escreve para a Alemanha quando escurece teu cabelo de ouro Margarete
Teu cabelo de cinzas Sulamita cavamos um túmulo nos ares lá não se jaz apertado
Ele brada cravem mais fundo na terra vocês aí cantem e toquem
agarra a arma na cinta brande-a seus olhos são azuis
cravem mais fundo as enxadas vocês aí continuem tocando para dançar

Leite negro da madrugada nós te bebemos de noite
nós te bebemos ao meio-dia e de manhã nós te bebemos de noite
nós bebemos bebemos

um homem mora na casa teu cabelo de ouro Margarete
teu cabelo de cinzas Sulamita ele bole com cobras
Ele brada toquem a morte mais doce a morte é um dos mestres da Alemanha
ele brada toquem mais fundo os violinos aí vocês sobem como fumaça no ar
aí vocês têm um túmulo nas nuvens lá não se jaz apertado

Leite negro da madrugada nós te bebemos de noite
nós te bebemos ao meio-dia a morte é um dos mestres da Alemanha
nós te bebemos de noite e de manhã nós bebemos bebemos
a morte é um dos mestres da Alemanha seu olho é azul
acerta-te com uma bala de chumbo acerta-te em cheio
um homem mora na casa teu cabelo de ouro Margarete
ele atíça seus mastins sobre nós e sonha a morte é um dos mestres da Alemanha

teu cabelo de ouro Margarete
teu cabelo de cinzas Sulamita

(1948)

(Tradução de Modesto Carone. *Quatro Mil Anos de Poesia*. Org. J. Guinsburg e Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 1969, pp. 270-271.)

Dylan Thomas

(País de Gales, 1914-1953)

And death shall have no dominion

And death shall have no dominion.
Dead men naked they shall be one
With the man in the wind and the west moon;
When their bones are picked clean and the clean bones
gone,
They shall have stars at elbow and foot;
Though they go mad they shall be sane,
Though they sink through the sea they shall rise again;
Though lovers be lost love shall not;
And death shall have no dominion.

And death shall have no dominion.
Under the windings of the sea
They lying long shall not die windily;
Twisting on racks when sinews give way,
Strapped to a wheel, yet they shall not break;
Faith in their hands shall snap in two,
And the unicorn evils run them through;
Split all ends up they shan't crack;
And death shall have no dominion.

And death shall have no dominion.
No more may gulls cry at their ears
Or waves break loud on the seashores;
Where blew a flower may a flower no more
Lift its head to the blows of the rain;
Though they be mad and dead as nails,
Heads of the characters hammer through daisies;
Break in the sun till the sun breaks down,
And death shall have no dominion.

(*Twenty-Five Poems*, 1936)

E a morte não terá nenhum domínio

E a morte não terá nenhum domínio.
Nus, os mortos irão se confundir
Com o homem no vento e a lua no poente;
Quando seus alvos ossos descarnados se tornarem pó,
Haverão de brilhar as estrelas em seus pés e cotovelos;
Ainda que enlouqueçam, permanecerão lúcidos,
Ainda que submersos pelo mar, haverão de ressurgir;
Ainda que os amantes se percam, o amor persistirá;
E a morte não terá nenhum domínio.

E a morte não terá nenhum domínio.
Aqueles que há muito repousam sob as dobras do mar
Não morrerão com a chegada do vento;
Contorcendo-se em martírios quando romperem os
tendões,
Acorrentados à roda da tortura, jamais se partirão;
Em suas mãos, a fé irá fender-se em duas,
E as maldades do unicórnio os atravessarão;
Espedaçados por completo, eles não se quebrarão.
E a morte não terá nenhum domínio.

E a morte não terá nenhum domínio.
Não mais irão gritar as gaivotas aos seus ouvidos
Nem se quebrar com fragor as ondas nas areias;
Onde uma flor desabrochou não poderá nenhuma outra
Erguer sua corola para as rajadas da chuva;
Ainda que estejam mortas e loucas, suas cabeças
Haverão de enterrar-se como pregos através das
margaridas,
Irrrompendo no sol até que o sol se ponha.
E a morte não terá nenhum domínio.

(Dylan Thomas. *Poemas Reunidos*. Trad. Ivan Junqueira. 2ª ed., revista. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003, p. 122.)

In my craft or sullen art

In my craft or sullen art
Exercised in the still night
When only the moon rages
And the lovers lie abed
With all their griefs in their arms,
I labor by singing light
Not for ambition or bread
Or the strut and trade of charms
On the ivory stages
But for the common wages
Of their most secret heart.

Not for the proud man apart
From the raging moon I write
On these spindrift pages
Nor for the towering dead
With their nightingales and psalms
But for the lovers, their arms
Round the griefs of the ages,
Who pay no praise or wages
Nor heed my craft or art.

(*Deaths and Entrances*, 1946)

Em meu ofício ou arte taciturna

Em meu ofício ou arte taciturna
Exercido na noite silenciosa
Quando somente a lua se enfurece
E os amantes jazem no leito
Com todas as suas mágoas nos braços,
Trabalho junto à luz que canta
Não por glória ou por pão
Nem por pompa ou tráfico de encantos
Nos palcos de marfim
Mas pelo mínimo salário
De seu mais secreto coração.

Escrevo estas páginas de espuma
Não para o homem orgulhoso
Que se afasta da lua enfurecida
Nem para os mortos de alta estirpe
Com seus salmos e rouxinóis,
Mas para os amantes, seus braços
Que enlaçam as dores dos séculos,
Que não me pagam nem me elogiam
E ignoram meu ofício ou minha arte.

(Dylan Thomas. *Poemas Reunidos*. Trad. Ivan Junqueira. 2ª ed., revista. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003, p. 173.)

Do not go gentle into that good night

Do not go gentle into that good night,
Old age should burn and rave at close of day;
Rage, rage against the dying of the light.

Though wise men at their end know dark is right,
Because their words had forked no lightning they
Do not go gentle into that good night.

Good men, the last wave by, crying how bright
Their frail deeds might have danced in a green bay,
Rage, rage against the dying of the light.

Wild men who caught and sang the sun in flight,
And learn, too late, they grieved it on its way,
Do not go gentle into that good night.

Grave men, near death, who see with blinding sight
Blind eyes could blaze like meteors and be gay,
Rage, rage against the dying of the light.

And you, my father, there on the sad height,
Curse, bless, me now with your fierce tears, I pray.
Do not go gentle into that good night.
Rage, rage against the dying of the light.

(*In Country Sleep*, 1952)

Não entres nessa noite acolhedora com doçura

Não entres nessa noite acolhedora com doçura,
Pois a velhice deveria arder e delirar ao fim do dia;
Odeia, odeia a luz cujo esplendor já não fulgura.

Embora os sábios, ao morrer, saibam que a treva lhes perdura,
Porque suas palavras não garfaram a centelha esguia,
Eles não entram nessa noite acolhedora com doçura.

Os bons que, após o último aceno, choram pela alvura
Com que seus frágeis atos bailariam numa verde baía
Odeiam, odeiam a luz cujo esplendor já não fulgura.

Os loucos que abraçaram e louvaram o sol na etérea altura
E aprendem, tarde demais, como o afligiram em sua travessia
Não entram nessa noite acolhedora com doçura.

Os graves, em seu fim, ao ver com um olhar que os transfigura
Quanto a retina cega, qual fugaz meteoro, se alegraria,
Odeiam, odeiam a luz cujo esplendor já não fulgura.

E a ti, meu pai, te imploro agora, lá na cúpula obscura,
Que me abençoes e maldigas com a tua lágrima bravia.
Não entres nessa noite acolhedora com doçura,
Odeia, odeia a luz cujo esplendor já não fulgura.

(Dylan Thomas. *Poemas Reunidos*. Trad. Ivan Junqueira. 2ª ed., revista. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003, pp. 216-217.)

Sylvia Plath

(1932-1963)

Thalidomide

O half moon –
Half-brain, luminosity –
Negro, masked like a white,

Your dark
Amputations crawl and appall –

Spidery, unsafe.
What glove

What leatheriness
Has protected

Me from that shadow –
The indelible buds.

Knuckles at shoulder-blades, the
Faces that

Shove into being, dragging
The lopped

Blood-caul of absences.
All night I carpenter

A space for the thing I am given,
A love

Of two wet eyes and a screech.
White spit

Of indifference!
The dark fruits revolve and fall.

The glass cracks across,
The image

Flees and aborts like dropped mercury.

(8 November 1962)

Talidomida

Ó semilua –
Semicérebro, luminosidade –
Negro, mascarado de branco,

Suas escuras
Amputações se arrastam e arrepiam –

Aranhoso, nocivo.
Que luva

Que algo de couro
Protegeu-

Me dessa sombra –
Os indelévels botões,

Calombos nas omoplatas,
Faces que

Desembocam em ser, arrancando
O lacerado

Âmnio-sangue de ausências.
Custa-me uma noite de marcenaria

Um espaço para esta minha prenda,
Um amor

De dois olhos úmidos e berreiro.
Baba branca

De indiferença!
Os frutos escuros rodam e caem.

O vidro se esfacela.
A imagem

Escapole e aborta como gotas de mercúrio.

(Sylvia Plath. "Poemas". Trad. e nota de Vinicius Dantas. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 28, São Paulo, outubro 1990, p. 193.)

Lady Lazarus

I have done it again.
One year in every ten
I manage it –

A sort of walking miracle, my skin
Bright as a Nazi lampshade,
My right foot

A paperweight,
My featureless, fine
Jew linen.

Peel off the napkin
O my enemy.
Do I terrify? –

The nose, the eye pits, the full set of teeth?
The sour breath
Will vanish in a day.

Soon, soon the flesh
The grave cave ate will be
At home on me

And I a smiling woman.
I am only thirty.
And like the cat I have nine times to die.

This is Number Three.
What a trash
To annihilate each decade.

What a million filaments.
The Peanut-crunching crowd
Shoves in to see

Them unwrap me hand and foot –
The big strip tease.
Gentleman, ladies

These are my hands
My knees.
I may be skin and bone,

Nevertheless, I am the same, identical woman.
The first time it happened I was ten.
It was an accident.

The second time I meant
To last it out and not come back at all.
I rocked shut

As a seashell.
They had to call and call
And pick the worms off me like sticky pearls.

Lady Lazarus

Tentei outra vez.
Um ano em cada dez
Eu dou um jeito –

Um tipo de milagre ambulante, minha pele
Brilha feito abajur nazista,
Meu pé direito

Peso de papel,
Meu rosto inexpressivo, fino
Linho judeu.

Dispa o pano
Oh, meu inimigo.
Eu te aterrorizo? –

O nariz, as covas dos olhos, a dentadura toda?
O hálito amargo
Desaparece num dia.

Em muito breve a carne
Que a caverna carcomeu vai estar
Em casa, em mim.

E eu uma mulher sempre sorrindo.
Tenho apenas trinta anos.
E como o gato, nove vidas para morrer.

Esta é a Número Três.
Que besteira
Aniquilar-se a cada década.

Um milhão de filamentos.
A multidão, comendo amendoim,
Se aglomera para ver

Desenfaixarem minhas mãos e pés –
O grande striptease.
Senhoras e senhores,

Eis minhas mãos
Meus joelhos.
Posso ser só pele e osso,

No entanto sou a mesma, idêntica mulher.
Tinha dez anos na primeira vez.
Foi acidente.

Na segunda quis
Ir até o fim e nunca mais voltar.
Oscilei, fechada

Como uma concha do mar.
Tiveram que chamar e chamar
E tirar os vermes de mim como pérolas grudentas.

Dying
Is an art, like everything else.
I do it exceptionally well.

I do it so it feels like hell.
I do it so it feels real.
I guess you could say I've a call.

It's easy enough to do it in a cell.
It's easy enough to do it and stay put.
It's the theatrical

Comeback in broad day
To the same place, the same face, the same brute
Amused shout:

"A miracle!"
That knocks me out.
There is a charge

For the eyeing my scars, there is a charge
For the hearing of my heart –
It really goes.

And there is a charge, a very large charge
For a word or a touch
Or a bit of blood

Or a piece of my hair on my clothes.
So, so, Herr Doktor.
So, Herr Enemy.

I am your opus,
I am your valuable,
The pure gold baby

That melts to a shriek.
I turn and burn.
Do not think I underestimate your great concern.

Ash, ash –
You poke and stir.
Flesh, bone, there is nothing there –

A cake of soap,
A wedding ring,
A gold filling.

Herr God, Herr Lucifer
Beware
Beware.

Out of the ash
I rise with my red hair
And I eat men like air.

(23-29 October 1962)

Morrer
É uma arte, como tudo o mais.
Nisso sou excepcional.

Desse jeito faço parecer infernal.
Desse jeito faço parecer real.
Vão dizer que tenho vocação.

E muito fácil fazer isso numa cela.
É muito fácil fazer isso e ficar nela.
É o teatral

Regresso em plena luz do sol
Ao mesmo local, ao mesmo rosto, ao mesmo grito
Aflito e brutal:

"Milagre!"
Que me deixa mal.
Há um preço

Para olhar minhas cicatrizes, há um preço
Para ouvir meu coração –
Ele bate, afinal.

E há um preço, um preço muito alto
Para cada palavra ou cada toque
Ou mancha de sangue

Ou um pedaço de meu cabelo ou de minhas roupas.
E aí, Herr Doktor.
E aí, Herr Inimigo.

Sou sua obra-prima,
Sou seu tesouro,
O bebê de ouro puro

Que se funde num grito.
Me viro e carbonizo.
Não pense que subestimo sua grande preocupação.

Cinza, cinza –
Você fuça e atíça.
Carne, osso, não há mais nada ali –

Barra de sabão,
Anel de casamento,
Obturação de ouro.

Herr Deus, Herr Lúcifer
Cuidado.
Cuidado.

Saída das cinzas
Me levanto com meu cabelo ruivo
E devoro homens como ar.

(Sylvia Plath. *Ariel*. Trad. Rodrigo Garcia Lopes e Maria Cristina Lenz de Macedo. Campinas: Verus, 2007, pp. 45-51.)

Edge

The woman is perfected.
Her dead

Body wears the smile of accomplishment,
The illusion of a Greek necessity

Flows in the scrolls of her toga,
Her bare

Feet seem to be saying:
We have come so far, it is over.

Each dead child coiled, a white serpent,
One at each little

Pitcher of milk, now empty.
She has folded

Them back into her body as petals
Of a rose close when the garden

Stiffens and odors bleed
From the sweet, deep throats of the night flower.

The moon has nothing to be sad about,
Staring from her hood of bone.

She is used to this sort of thing.
Her blacks crackle and drag.

(5 February 1963)

Limite

A mulher está perfeita.
Seu corpo

Morto enverga o sorriso de completude,
A ilusão de necessidade

Grega voga pelos veios da sua toga,
Seus pés

Nus parecem dizer:
Já caminhamos tanto, acabou.

Cada criança morta, enrodilhada, cobra branca,
Uma para cada pequena

Tigela de leite vazia.
Ela recolheu-as todas

Em seu corpo, como pétalas
Da rosa que se encerra, quando o jardim

Enrija e aromas sangram
Da fenda doce, funda, da flor noturna.

A lua não tem por que estar triste
Espectadora de touca

De osso; ela está acostumada.
Suas crateras trincam, fissura.

“A matéria da descrição [dos poemas de Plath] são os afazeres de uma dona de casa, as tarefas de mãe, as agonias do parto e/ou do aborto, o toque sexual em suas muitas ressonâncias, as incertezas amorosas e peripiaques cotidianos de muitos tipos, afora paisagens, lugares e figuras. [...] Suas descrições tendem à abstração, figurando os sentimentos à maneira de estranhos processos metabólicos; daí a preferência de suas metáforas pelos processos químico-biológicos. Esta metástase lírica tem frequentemente na morte o ponto superior de onde contempla o mundo. A morte certamente é mais fria que este mundo onde se morre de frieza; é mais inerte que esta sociedade condenada à inércia do mesmo. Mas o gelo e a inércia no mais alto grau por sua vez possuem intensidade e pureza maiores que as da vida que resta viver.”
(Nota de Vinicius Dantas, *Novos Estudos CEBRAP*, n. 28, São Paulo, outubro 1990, p. 179.)

Apêndice: Lista de alguns poetas da tradição moderna

(agrupados pela expressão linguística, com indicação de algumas obras de maior reputação)

Francês

Gérard de Nerval (1808-1855)
Les Chimères [As quimeras] (1854)
Charles Baudelaire (1821-1867)
Les Fleurs du Mal [As flores do mal] (1857/1861/1868)
Stéphane Mallarmé (1842-1898)
Un Coup de dés [um lance de dados] (1914)
Paul Verlaine (1844-1896)
Arthur Rimbaud (1854-1891)
Tristan Corbière (1845-1875)
Les Amours jaunes [Os amores amarelos] (1873)
Lautréamont (1846-1870)
Les Chants de Maldoror [Os cantos de Maldoror] (1869)
Jules Laforgue (1860-1887)
Paul Claudel (1868-1955)
Cinq grandes Odes [Cinco grandes odes] (1911)
Paul Valéry (1871-1945)
Le Cimetière marin [O cemitério marinho] (1920)
Guillaume Apollinaire (1880-1918)
Alcools [Álcoois] (1913)
Calligrammes [Caligramas] (1918)
Saint-John Perse (1887-1975)
Anabase [Anábase] (1924)
Paul Éluard (1895-1952)
Francis Ponge (1899-1988)
Le Parti pris des choses [O partido das coisas] (1942)

Inglês

William Blake (Inglaterra, 1757-1827)
Songs of Innocence [Canções da Inocência] (1789)
Songs of Experience [Canções da Experiência] (1794)
Edgar Allan Poe (EUA, 1809-1849)
Walt Whitman (EUA, 1819-1892)
Leaves of Grass [Folhas de Relva] (1855)
Emily Dickinson (EUA, 1830-1886)
Gerard Manley Hopkins (Inglaterra, 1844-1889)
W. B. Yeats (Irlanda, 1865-1939)
The Tower [A torre] (1928)
Wallace Stevens (EUA, 1879-1955)
Ezra Pound (EUA, 1885-1972)
The Cantos [Os cantos] (1915-1962)
T. S. Eliot (EUA/Inglaterra, 1888-1965)
The Waste Land [A terra desolada] (1922)
Four Quartets [Quatro quartetos] (1945)
W. H. Auden (Inglaterra, 1907-1933)
The Age of Anxiety [A era da angústia] (1948)
D. H. Lawrence (Inglaterra, 1885-1930)
E. E. Cummings (EUA, 1894-1962)
Dylan Thomas (País de Gales, 1914-1953)
Marianne Moore (EUA, 1887-1972)
William Carlos Williams (EUA, 1883-1963)
Hart Crane (EUA, 1899-1932)
The Bridge [A ponte] (1930)
Sylvia Plath (EUA, 1934-1963)

Alemão

Heinrich Heine (Alemanha, 1797-1856)
Stefan George (Alemanha, 1868-1933)
Hugo von Hofmannsthal (Áustria, 1874-1929)

Rainer Maria Rilke (Áustria, 1875-1926)
Neue Gedichte [Novos poemas] (1907)
Duineser Elegien [Elegias de Duino] (1922)
Gottfried Benn (Alemanha, 1886-1956)
Morgue und andere Gedichte [Morgue e outros poemas] (1912)
Georg Trakl (Áustria, 1887-1914)
Else Lasker-Schüler (Alemanha, 1869-1945)
Bertolt Brecht (Alemanha, 1898-1956)
Paul Celan (Romênia, 1920-1970)
Hans Magnus Enzensberger (Alemanha, 1929)

Espanhol

Antonio Machado (Espanha, 1876-1939)
Juan Ramón Jiménez (Espanha, 1881-1958)
Pedro Salinas (Espanha, 1892-1951)
Jorge Guillén (Espanha, 1893-1984)
César Vallejo (Peru, 1898-1938)
Trilce (1922)
Vicente Huidobro (Chile, 1893-1947)
Altazor (1931)
Federico García Lorca (Espanha, 1899-1936)
Romancero gitano [Romanceiro cigano] (1928)
Poeta en Nueva York [Poeta em Nova York] (1930)
Rafael Alberti (Espanha, 1902-1989)
Sobre los ángeles [Sobre os anjos] (1929)
Pablo Neruda (Chile, 1904-1973)
Octavio Paz (México, 1914-1998)

Italiano

Umberto Saba (1883-1957)
Dino Campana (1885-1932)
Canti orfici [Cantos órficos] (1914)
Giuseppe Ungaretti (1888-1970)
L'Allegria [A alegria] (1931)
Eugenio Montale (1896-1981)
Ossi di seppia [Ossos de sépia] (1925)
Cesare Pavese (1908-1950)
Lavorare stanca [Trabalhar cansa] (1936/1943)

Russo

Aleksandr Blok (1880-1921)
V. Khlebnikhov (1885-1922)
Anna Akhmátova (1888-1966)
Boris Pasternak (1890-1960)
Marina Tzvetáieva (1892-1941)
Óssip Mandelstam (1892-1942)
Vladimir Maiakóvski (1893-1930)
Sergei Iessénin (1895-1925)

Grego moderno

Konstantinos Kaváfis (1863-1933)
Giorgios Seféris (1900-1971)

Português (Portugal)

Fernando Pessoa (1888-1935)
Mário de Sá-Carneiro (1890-1916)